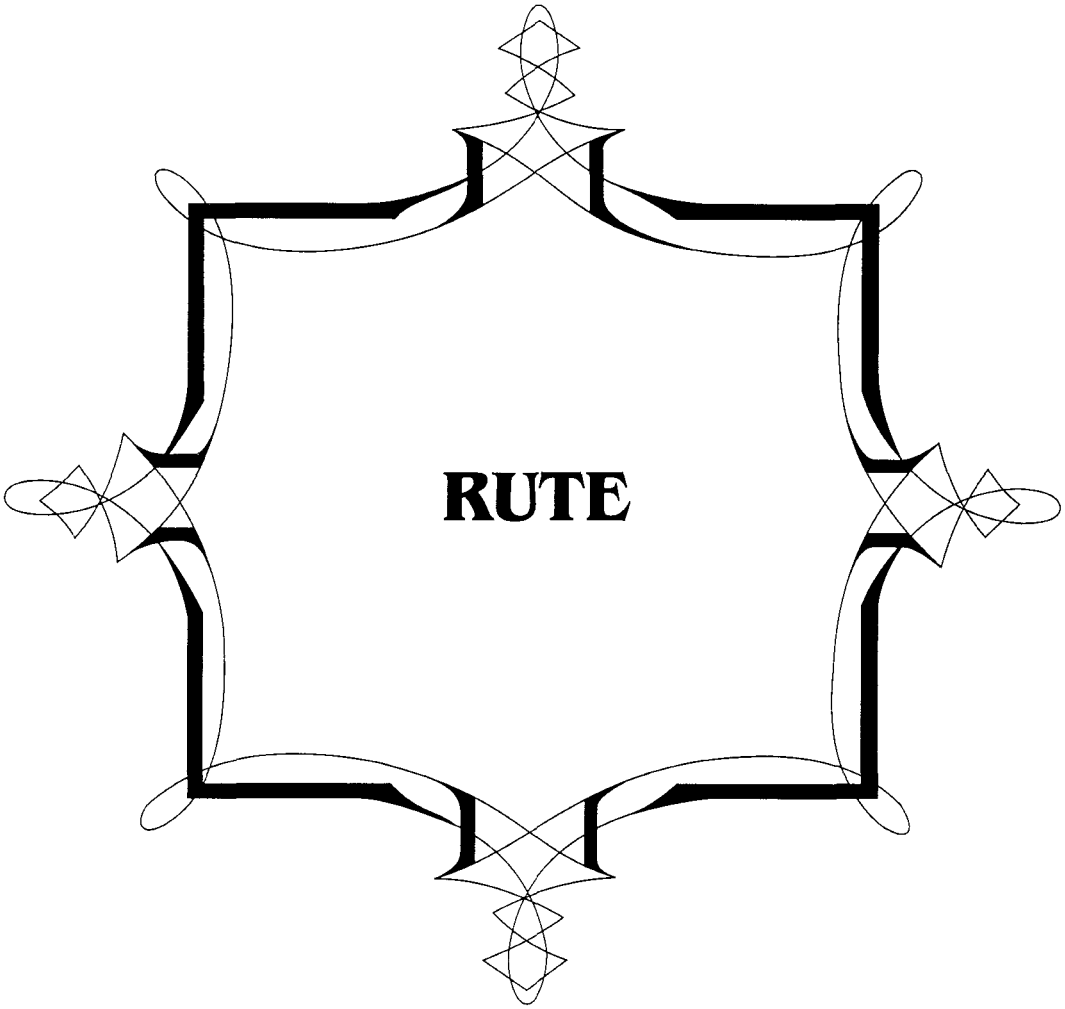
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

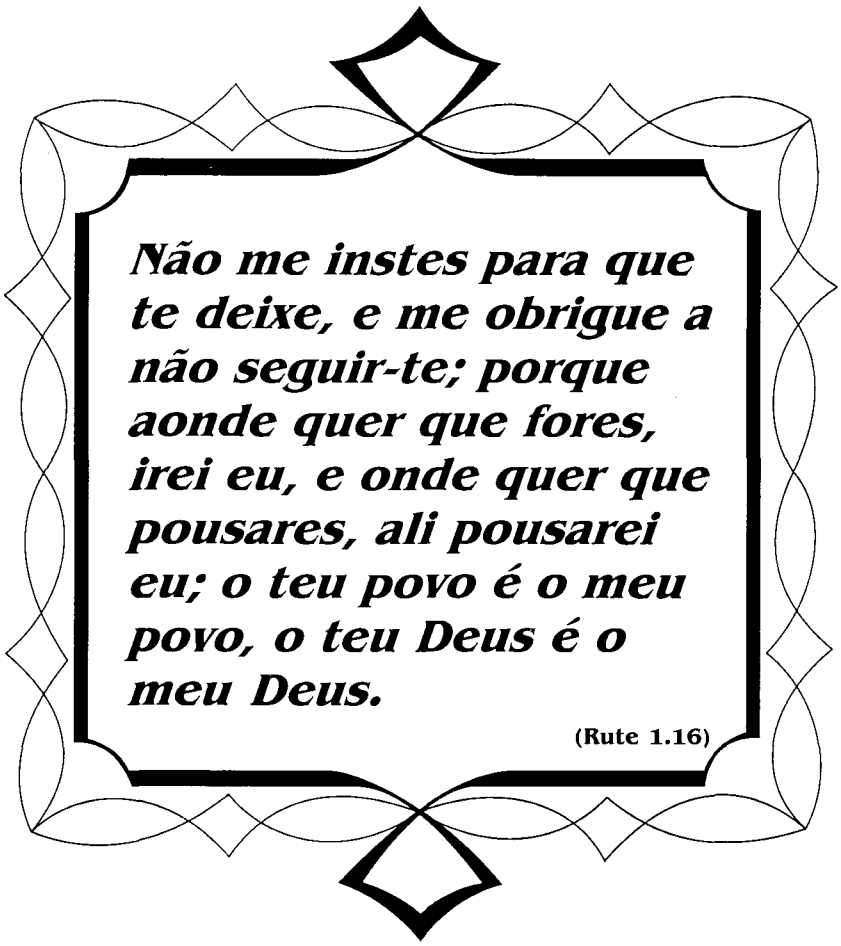
RUTE

HAGNOS



RUTE

O Livro que Descreve
Raros Laços de Amor


Não me instes para que te deixe, e me obrigue a não seguir-te; porque aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus.
(Rute 1.16)

Rute

4 Capítulos
85 Versículos

Introdução

Esboço:

I. Significado do Nome
II. Pano de Fundo
III. Autoria
IV. Data
V. Propósito do Livro
VI. Canonicidade
VII. Teologia do Livro
VIII. Valor Literário
IX. Esboço do Conteúdo
X. Bibliografia

I. Significado do Nome

No hebraico, *Rut*; na Septuaginta *Routh*. Embora haja estudiosos que dão a esse nome próprio feminino o sentido de "companheira", outros preferem pensar que o significado do nome é desconhecido.

No cânon hebraico, o livro de Rute faz parte de sua terceira seção, os *hagiógrafos* (ver a respeito no *Dicionário*). O livro era um dos cinco rolos (no hebraico, *megilloth*), cada um dos quais usado em uma das cinco principais festividades de Israel. O livro era lido por ocasião da festa das Semanas ou Pentecostes. Entretanto, na Septuaginta, na versão latina da Vulgata, e na Bíblia portuguesa, o livro de Rute vem imediatamente depois de Juízes. E essa arrumação parece historicamente lógica, porque o autor situa sua narrativa dentro daquele período da história de Israel, ao dizer logo no início da obra: "Nos dias em que julgavam os juízes ..." (Rute 1.1).

O livro gira principalmente em torno de sua heroína, Rute, a moabita. O nome dela aparece treze vezes na Bíblia, doze no próprio livro de Rute, e uma vez em Mat. 1.5, dentro da genealogia do Senhor Jesus Cristo. Aliás, por três razões principais a heroína, Rute, merece figurar como uma das grandes personagens femininas da Bíblia: 1. o romance de sua vida e de sua fé no Deus de Israel, Yahweh. 2. O fato de ter sido bisavó de Davi, o grande rei de Israel. 3. O fato, conseqüente do anterior, de ter sido uma das antepassadas do Senhor Jesus. Na genealogia de Cristo, no livro de Mateus, há menção a quatro mulheres: Tamar, nora de Judá; Rute; a que fora mulher de Urias, Bate-Seba; e Maria, Sua mãe. Tamar era cananéia. Bate-Seba e Maria eram israelitas. Mas Rute era moabita. E bastaria esse fato para torná-la uma figura estranha, porquanto Deus havia decretado que nenhum moabita faria parte do povo de Israel. Lemos em Deuteronômio 23.3: "Nenhum amonita nem moabita entrará na assembléia do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará na assembléia do Senhor, eternamente". Portanto, seu casamento com *Quiliom* e, posteriormente, com *Boaz* (ver sobre os dois nomes no *Dicionário*), e dessa vez, na terra de Israel, têm de ser atribuídos a duas causas: ou esses israelitas afrouxaram na proibição acerca dos moabitas ou, então, Rute mereceu ser uma exceção à regra, devido à sua excelência de caráter. Quanto à Rute, ela se integrou perfeitamente ao povo de Israel, o que transparece, acima de tudo, em sua famosa declaração à sogra, Noemi: "Não me instes para que te deixe, e me obrigues a não te seguir; porque aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; e teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus" (Rute 1.16).

II. Pano de Fundo

A origem racial de Rute faz parte do pano de fundo da narrativa. Ela pertencia a um dos povos cuja entrada na comunidade de Israel era vedada até a décima geração (ver Deu. 23.3). Os dois primeiros capítulos do livro armam palco para a introdução de Rute na vida e história do povo de Israel. Havendo uma época de escassez de alimentos em Judá, um habitante de Belém de Judá migrou para a terra de Moabe (não muito distante), levando consigo sua esposa e seus dois filhos solteiros. O chefe da família chamava-se Elimeleque. Seus familiares eram Noemi, sua esposa, Malom e Quiliom (ver a respeito de todos esses nomes no *Dicionário*). Elimeleque faleceu em Moabe. Agora a família de Noemi era composta de somente três pessoas, ela mesma e seus dois filhos rapazes. Mas, como é natural, eles se enamoraram de duas jovens moabitas, com as quais acabaram se casando: Malom com Orfa, e Quiliom com Rute. Alegria de Noemi, porém, já amargurada com sua viuvez e distante de sua terra, não durou muito. Menos de dez anos depois, seus dois filhos, Malom e Quiliom, também faleceram. Agora, a família estava em situação difícil como nunca, pois eram três viúvas numa só casa, uma já idosa e as outras duas ainda bem jovens, ambas sem filhos. A situação da mulher na antigüidade era da mais total dependência ao homem. Se não houvesse homem que tomasse conta dela, e se ela não tivesse recursos próprios, geralmente, ficava reduzida à mais abjeta situação. Se fosse viúva, então, seu estado piorava mais ainda. Muitas mulheres nessas condições só dispunham de uma solução: entregar-se à prostituição. Era insustentável a situação de Noemi em Moabe. Então ela resolveu voltar à sua terra, velha e amargurada, sem marido, sem filhos, sem netos, com duas noras viúvas... e moabitas!

Noemi sabia das dificuldades que as três enfrentariam, mesmo em Israel. Por isso, no caminho, tentou convencer suas duas noras moabitas a retornar à terra delas, onde poderiam casar-se de novo. Orfa, viúva de Malom, resolveu atender às instâncias de sua sogra e desistiu de continuar viagem. Mas Rute, como já vimos, não quis afastar-se dela, disposta a compartilhar as durezas da vida diária de mulher estrangeira e viúva na terra de Israel, na época dos Juízes, período extremamente conturbado para o antigo povo de Deus, conforme toma consciência todo leitor do livro de Juízes.

Assim, apreensivas quanto ao presente e ao futuro, as duas mulheres finalmente retornaram a Belém de Judá. Os anos se tinham passado, e Noemi envelheceu. Mas os habitantes da cidade ainda se lembravam dela. Desoladas diante da situação de Noemi e Rute, as mulheres judias perguntavam: "Não é esta Noemi?". E ela, muito triste e amargurada de espírito, respondia: "Não me chameis Noemi (no hebraico, "agradável"), chamai-me Mara (no hebraico, "amarga"), porque grande amargura me tem dado o Todo-poderoso" (Rute 1.20). Todavia, o Senhor é Aquele que fere e cura a ferida, e o futuro próximo traria a Noemi perenes alegrias, como ela nem imaginava. O amargor e a desesperança de Noemi cederiam lugar à satisfação e ao senso de realização, conforme se vê no decorrer da história.

Um dado interessante aparece no último versículo do primeiro capítulo do livro: Noemi e Rute "chegaram a Belém no princípio da sega das cevadas". Esse informe permite-nos saber que a seca terminara em Judá — os campos estavam novamente floridos e produtivos. E também faz-nos saber que elas chegaram em abril/maio. Na Palestina, era a primavera! Semanas mais tarde começaria a colheita do trigo e do linho. De acordo com Lev. 23.10,11, no mês de *abib* (ver a respeito no *Dicionário*), mais ou menos correspondente ao nosso abril, ocorreria a entrega das primícias do campo. Portanto, tudo era festivo em Israel. Somente Noemi guardava no coração sua profunda tristeza. Mas, para Rute, as coisas começavam a perder os tons sombrios e iam-se tornando róseas e promissoras!

Havia um parente rico de Elimeleque, falecido marido de Noemi. O nome desse parente era Boaz (ver a respeito no *Dicionário*). Era o tempo da sega das cevadas, e Rute desejou ser uma das segadoras. Com a permissão de Noemi, ela foi. E "por casualidade" entrou na parte do campo plantado que pertencia a Boaz. Nessa casualidade, entretanto, podemos ver a mão de Deus, que controla desde os movimentos das estrelas até o vôo dos pássaros. Quando Boaz veio ver como ia a colheita, pôs a vista em Rute e perguntou ao encarregado: "De quem é esta moça?". E a resposta que recebeu foi: "Esta é a moça moabita que veio com Noemi da terra de Moabe" (Rute 2.5,6). Imediatamente Boaz interessou-se por ela, posto que com grande discrição e respeito, chamando-a de "filha". De fato, a diferença de idade entre os dois era bastante grande. Embora viúva, Rute

provavelmente ainda não havia chegado aos vinte 25 anos, pois, na antigüidade, as mulheres casavam-se muito jovens. Boaz, entretanto, conforme a história nos permite depreender, já era homem maduro. O segundo capítulo do livro permite-nos ver com que carinho Boaz tratou Rute. Não há que duvidar que ele sabia que ela era nora de Noemi, viúva de Elimeleque, um parente seu, já falecido. Mas, sem dúvida, também sabia que Rute havia aceitado o povo de Israel como seu povo, e o Deus de Israel como seu Deus! Além disso, por que haveríamos de pensar que Rute fosse feia e sem graça?

Quando Rute contou à sua sogra, Noemi, onde estivera trabalhando durante todo aquele dia, estampou-se um sorriso na enrugada fisionomia da velha judia. E Noemi disse, triunfante: "Esse homem, esse Boaz, é um dos nossos parentes chegados. Ele é um dos nossos possíveis resgatadores" (ver Rute 2.20).

Encontramos ali menção à lei mosaica do *parente-remidor* (ver a respeito no *Dicionário*). O parente-remidor tinha varias obrigações: cuidar dos membros necessitados de sua família mais imediata e mais remota, saldar as dívidas incorridas por esses membros, e fazer tudo em favor do bem-estar deles, incluindo o dever de ser o *vingador do sangue* (ver também a respeito no *Dicionário*). Ver Deu. 25.5-10; Lev. 25.25-28,47-49; Núm. 35.19-21. Esse aspecto será ventilado com maiores detalhes na seção VII, *Teologia do Livro*. Por enquanto, diremos apenas que a "redenção" é um dos temas-chaves do livro de Rute. Ora, tudo isso mostrou a Noemi que a mão do Senhor estava com ela e com sua nora, afinal de contas! A esperança brilhava cada vez mais intensamente para as duas!

Diante de um protetor da qualidade de Boaz, por que Rute procuraria outra ocupação? Por isso mesmo, o segundo capítulo do livro termina com esta informação acerca de Rute: "Assim passou ela à companhia das servas de Boaz, para colher, até que a sega da cevada e de trigo se acabou, e ficou com a sua sogra".

O terceiro capítulo do livro de Rute é muito romântico. Narra o namoro entre Boaz e Rute. Noemi agiu como cupido, instruindo a nora viúva sobre como comportar-se de modo que atraísse a atenção de Boaz, sem também mostrar-se vulgar. Esse capítulo do livro é interessante porque nos mostra antigos costumes sociais na antiga nação de Israel, uma época romântica e repleta de mesuras e respeito, que nunca mais voltará. Há muitos lances, inclusive aquele de outro parente ainda mais chegado que Boaz, que contudo não quis cumprir o seu dever de parente-remidor. Penso que somente a própria leitura do livro será capaz de descortinar, para o leitor, o véu do tempo, a fim de que penetre naquela atmosfera para nós tão diferente. Eram outros tempos, e as pessoas não se sentiam ameaçadas de extinção repentina, em face de uma explosão atômica. Havia muito respeito pelos sentimentos das pessoas. É verdade que os tempos em Israel eram conturbados, e Israel só conseguia sobreviver graças às intervenções divinas, quase sempre miraculosas. Mas Boaz era um nobre de sua época e todas as suas ações refletem sua condição social.

III. Autoria

O livro é anônimo, isto é, seu autor não se identifica. Segunda uma tradição judaica, o autor do livro de Rute foi o profeta Samuel. Outros opinam, todavia, que isso é improvável, porque o trecho de Rute 4.17,22 menciona Davi, o que já implica uma data posterior. No entanto, alguns intérpretes defendem a autoria de Samuel, argumentando que essas notas sobre Davi foram adicionadas por algum editor posterior. Além disso, os filólogos ajuntam que o estilo literário do livro, em seu original hebraico, sugere que a obra tenha sido escrita durante o período da monarquia de Israel. Voltam à carga os que defendem a autoria de Samuel, apelando para o Talmude *(Baba Bathra,* 14), que diz que os livros de Rute, Juízes, I e II Samuel devem todos ser atribuídos a Samuel, embora ele só possa ter sido o cronista do âmago histórico dessas obras, ao que editores posteriores vieram juntar suas anotações e acréscimos. Mas, conforme temos insistido no tocante a outros livros do Antigo Testamento, questões como autoria e data de composição não são de primária importância. O que realmente importa é a mensagem do livro, dentro do fluxo da história revelada. Entretanto, estas questões secundárias dão margem a intermináveis discussões e debates, que não levam a coisa alguma, visto que, em muitos casos, a própria Escritura não nos fornece tais dados, e tudo quanto se possa dizer será dito por inferência, ou mesmo por pura especulação.

IV. Data

A questão da data da composição do livro está presa à questão da autoria, como é lógico. Todavia, o livro de Rute pelo menos fornece-nos um indício seguro quanto à questão da data. Visto que em Rute 4.17-22 Davi aparece como rei e, sabendo-se que Davi só se tornou o segundo monarca de Israel após a morte de Samuel, por isso mesmo o livro deve ter sido escrito após a época daquele profeta. Se aceitarmos as datas extremas de Samuel como 1170-1060 A.C., então teremos de datar o livro de Rute depois disso. Todavia, a questão tem suscitado muitos debates, com a apresentação de argumentos especiais. Procuraremos mencionar aqui os mais pesados desses argumentos.

a. A inclusão do livro de Rute entre os Hagiógrafos (ou Escritos), de acordo com o cânon hebraico, não determina necessariamente uma data posterior para a obra. O livro pode ter sido colocado ali devido ao fato de que era um dos cinco livros lidos nas festividades judaicas (os *Megilloth*; ver a respeito no *Dicionário*).

b. Alguns aramaísmos e outras formas literárias posteriores têm levado certos eruditos a aceitar uma data *pós-exílica* para o livro. Mas esse argumento é rebatido por outros estudiosos, que afirmam que os aramaísmos podem ser vistos nos livros da Bíblia desde o período mosaico, e isso anula (possivelmente) esse argumento.

c. Aqueles que dizem que o livro de *Deuteronômio* é uma obra posterior, pertencente ao século VII A.C., e não ao período mosaico propriamente dito, também argumentam que o livro de Rute não pode ser posterior a Deuteronômio 23.3, onde se encontra a proibição da aceitação de amonitas e moabitas na comunidade judaica. Esse argumento, porém, depende inteiramente da data da composição do livro de *Deuteronômio*. E a opinião dos autores da teoria do *J.E.D.P.(S.)* (ver a respeito no *Dicionário*), que envolve o livro de Deuteronômio *(D)*, dizendo que ele é de composição tardia, em relação aos demais livros do *Pentateuco* (ver sobre esse termo no *Dicionário*), cada vez mais cai no descrédito. A maioria dos eruditos continua atribuindo a Moisés a autoria do Deuteronômio. E isso arrasta novamente mais para a antigüidade a data da composição do livro de Rute.

d. É verdade que a pureza do hebraico, que se vê no livro de Rute, quanto à gramática e ao estilo, aponta para uma data pré-exílica. Mas pré-exílica até que ponto? O outro extremo é obtido graças à genealogia que se encontra em Rute 4.18-22, à menção a Davi e à explicação acerca de um costume antigo, em Rute 4.7. Isso nos mostra que a época da composição do livro deve ter sido após a subida de Davi ao trono de Israel.

e. Uma aproximação talvez maior é obtida levando-se em conta a falta de hostilidade contra os moabitas. Não há necessidade alguma de apelar para Deu. 23.3, quanto a essa amizade entre israelitas e moabitas. Pois, nos primeiros anos de Davi, não havia hostilidades entre Israel e Moabe, conforme se aprende em I Sam. 22.3,4, embora esse quadro seja um tanto negado em II Sam. 8.2,12 (trechos que o leitor deve examinar para que entenda a força desse argumento). Todavia, sabe-se que mais tarde, ainda durante o período monárquico dividido, quando a nação de Israel já se havia separado em duas - Israel (ao norte) e Judá (ao sul) -, houve hostilidades entre Israel e Moabe. E os profetas posteriores chegaram a ameaçar os moabitas, conforme se vê, por exemplo, em Isa. 15 e 16; 25.10; Jer. 9.26; 25.21; 27.3 e Eze. 25.8-11.

Levando-se em conta todos esses argumentos, embora não se possa precisar uma data exata para a composição do livro de Rute,

pelo menos pode-se afirmar, com alguma segurança, que ele deve ter sido escrito no começo da monarquia de Israel unida, nos dias de Davi ou Salomão.

V. Propósito do Livro

O propósito do livro de Rute também depende, em muito, da data da sua composição. Na opinião de muitos estudiosos, pelo menos o principal propósito dessa jóia literária sagrada de Israel é servir de elo de ligação entre o conturbado período dos juízes, " ... quando não havia rei em Israel ..." (Juí. 21.25), e a monarquia, sobretudo o governo perenemente decantado de Davi, o maior de todos os monarcas de Israel. Que rei não tem sua genealogia? O livro de Rute, pois, preenche um período histórico que formaria um hiato misterioso e obscuro sem ele. Contudo, talvez nenhum outro livro do Antigo Testamento, dos menos volumosos, na opinião dos eruditos, tenha tantos propósitos, conforme se pode observar na lista a seguir:

a. Para alguns, seria uma novela sem valor histórico, um relato idílico em torno de personagens com nomes bem escolhidos: Rute, "companheira"; Noemi, "agradável"; Mara, "amargurada"; Malom, "enfermidade"; Quiliom, "desperdício"; Orfa, "teimosa"; Elimeleque, "Deus (El) é rei"; Boaz, "préstimo". No entanto, o próprio livro apresenta-se como uma obra histórica (Rute 1.1), não havendo evidências de anacronismo.

b. Para outros, o livro quis mostrar como uma moabita foi incluída na linhagem ancestral de Davi. O clímax da narrativa do livro é atingido quando Rute dá à luz a Obede (no hebraico, "servo"). Obede foi pai de Jessé, e Jessé foi o genitor de Davi! Contudo, alguns pensam que esse propósito é pequeno demais, e que deveríamos incluir algo mais.

c. Um apelo para que se desse continuidade à lei do levirato. Essa lei impedira a extinção de uma importante família em Judá. E isso de mistura com sentimentos humanitários para com Rute, uma estrangeira, moabita, viúva, desamparada, sem filhos, mas que aceitara tornar-se parte integrante do povo de Israel. Assim pensam outros eruditos.

d. Há quem creia que o livro foi escrito como um tratado pós-exílico a fim de combater o estreito exclusivismo dos judeus, introduzido por Esdras e Neemias. Destaca-se, então, o estatuto deles contrário a casamentos de mulheres estrangeiras com homens judeus. Todavia, há fortes razões para não se aceitar essa opinião. A canonicidade do livro dependeu, em grande escala, de judeus que eram herdeiros espirituais de Esdras e Neemias, pelo que, se esse tivesse sido o propósito do livro, eles o teriam rejeitado. Conforme dizem alguns comentadores, a possibilidade de uma guerra literária em torno de questões ideológicas é muito duvidosa naquele período tão remoto.

e. Outros pensam que Rute é o modelo mais fulgurante de proselitismo. Assim também disseram rabinos posteriores. Lembremos que ela rompeu definitivamente com o seu próprio povo, tornando-se leal à nação e à religião que preferiu adotar. Não há que duvidar que esse motivo é forte no livro de Rute.

f. Talvez não devêssemos pensar em um único propósito abrangente. O livro de Rute foi preservado por seus próprios méritos, como reflexo da providência abrangente e amorosa de Deus, que condescende em dirigir a vida simples de pessoas como Noemi e Rute. A história é muito consoladora para os desesperançados, desolados e destituídos de seus entes queridos. Também não podemos esquecer o papel de Boaz como o parente-remidor, um tipo do nosso grande Parente-Remidor, o Senhor Jesus Cristo, que nos remiu da servidão ao pecado ao preço de Seu próprio sangue vertido. Se a isso ajuntarmos que o livro serviu de importante elo na corrente histórica do povo de Israel, na história da redenção, então teremos penetrado na mente e no coração do autor sagrado, fosse ele quem fosse, dirigido como estava sendo pelo Autor maior, o Espírito de Deus. Há muitas lições preciosas no livro de Rute. Elas nos fazem lembrar do que diz Paulo, em uma de suas epístolas: "Pois tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rom. 15.4).

VI. Canonicidade

A canonicidade do livro de Rute nunca foi posta em grande dúvida. Nem pelos judeus, que não tardaram em incluí-lo entre seus livros mais conhecidos, lido que era anualmente, publicamente, durante a festa das Semanas ou Pentecostes. Josefo (*Contra Apoio* 1.8) aparentemente contou Rute juntamente com o livro de Juízes, tal como reuniu Lamentações com Jeremias, perfazendo assim vinte e dois livros, segundo o cânon hebraico. Jerônimo, um dos pais da Igreja, também indica, no seu *Prologus Galeatus*, que os judeus juntavam Rute com Juízes, embora também tivesse dito que outros punham Rute e Lamentações entre os hagiógrafos. Esta última disposição do livro, dentro do cânon, foi feita na sinagoga judaica, embora não se saiba quando nem por quê. Isso é o máximo que se pode dizer sobre a história do cânon hebraico quanto ao livro de Rute. Dentro do cristianismo, o livro também nunca viu sua canonicidade ameaçada em nenhum sentido.

VII. Teologia do Livro

Quando Abraão foi abençoado por Deus, o Senhor decretou: " ... em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gên. 12.3). Esta promessa permanece de pé, para os judeus, sempre que eles se conservam obedientes ao Senhor e entendem sua missão na terra. É claro que a bênção mais definitiva chega a todos os povos da terra por meio de Jesus Cristo, descendente de Boaz e Rute. No entanto, muitos judeus, em cada geração, mas especialmente em certos períodos de sua história, têm esquecido esse fato e sido até exclusivistas e xenófobos. O livro de Rute, pois, ensina o erro desse exclusivismo judaico, sem dúvida uma das atitudes de defesa à qual eles apelam quando muito perseguidos. O amor de Deus é universal, englobando todos os povos. A história de Rute, a moabita, veio ilustrar exatamente isso. Ela foi um exemplo vivo da verdade de que a participação no reino de Deus não depende de carne e sangue (pois ela era moabita, estando vedada sua entrada na comunidade de Israel por dez gerações) e, sim, em face da "obediência por fé" (Rom. 1.5). Ela aceitou de todo o coração ao povo de Deus e ao Deus do povo de Israel. Mas Deus a aceitou de tal maneira que ela se tornou antepassada não somente de Davi, mas do próprio Cristo!

Boaz, por sua vez, é o grande tipo de Redentor, no livro de Rute. De fato, como já dissemos, a "redenção" é o conceito central do livro. O termo hebraico correspondente, em suas várias formas, ocorre por nada menos de vinte e três vezes no livro. Esse termo é *gaal*. Boaz fez isso publicamente, à porta da cidade, diante de testemunhas: "Sois hoje testemunhas de que comprei da mão de Noemi tudo o que pertencia a Elimeleque, a Quiliom e a Malom; e também tomo por mulher a Rute, a moabita...".

No tocante a Noemi, o relato acompanha a transformação pela qual ela passou, depois que voltou à sua terra, de mulher amargurada em mulher feliz. Ela chegou ali empobrecida (1.21; 3.17), destituída de todos os seus parentes (1.1-5), e terminou uma mulher segura de si, feliz, radiante de esperança (4.13-17). Podemos ver dois reflexos disso. Primeiro na história nacional de Israel, após a morte de Eli (I Sam. 4.18), quando a nação chegou a perder a arca da aliança, o emblema visível, por excelência, da presença do Senhor, e daí passou para a paz e a prosperidade dos primeiros anos do reinado de Salomão, trineto de Rute (I Reis 4.20-34; 5.4). Muito mais dramática, entretanto, é a transformação experimentada por toda alma remida ao sangue de Cristo, do que todo o Novo Testamento dá testemunho. Podemos citar um trecho neotestamentário para avivarmos a memória: " ... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus" (Rom. 3.23,24). E esse segundo reflexo a teologia do livro de Rute é ainda maior que o primeiro, porquanto fala de bênçãos universais e eternas!

VIII. Valor Literário

O valor literário do livro de Rute é indiscutível. Ombreia-se com o melhor que a literatura mundial tem produzido. É um conto rápido, mas escrito com consumada habilidade. Em gênero, talvez não tenha igual dentro da Bíblia inteira. Damos a mão à palmatória. Os antigos israelitas sabiam escrever. A melhor técnica de obra literária de ficção é ali observada, desde a introdução, passando por um cativante enredo, com sua crise quase insolúvel, até a solução mais feliz, que satisfez a todos os envolvidos. Na observação de vários comentadores, o livro mostra-se muito simétrico em seus lances. A solução começa a descortinar-se exatamente no meio do livro, quando Noemi diz à sua nora: "... o Senhor... ainda não tem deixado a sua benevolência nem para com os vivos nem para com os mortos... Esse homem é nosso parente chegado, e um dentre os nossos resgatadores..." (2.20). Tem-se também observado que o encerramento de cada episódio facilita a transição para o que vem em seguida (ver 1.22; 2.23; 3.18 e 4.12). Outra característica do livro, que prende o interesse dos leitores, são as duas personagens principais: Rute e Boaz. A primeira é jovem, estrangeira e desamparada em sua viuvez; a outra personagem é um homem de meia-idade, abastado, respeitado em sua comunidade. Boaz desempenha o papel masculino de protetor com admirável ternura. Rute, por sua vez, soube oferecer-se sem ser coquete, desempenhando seu papel feminino com muita dignidade. Além disso, ambas as personagens principais contaram com alguém que fez contraste com elas, salientando suas qualidades de caráter e de realização. Rute teve uma Orfa, que ficou muito aquém dela em valor; e Boaz teve o parente mais chegado ainda, mas cujo nome nunca é dado, e que, por causa de seus próprios interesses, não cumpriu seu papel de parente-remidor, que lhe cabia, por dever, por ser parente ainda mais chegado que Boaz.

Outros lances da narrativa não são menos dignos de comentário. Noemi e Rute voltaram a Judá, para a cidade de Belém (no hebraico, "casa do pão"), enquanto em Moabe tinham sofrido privações. E voltaram no tempo da sega, o que, por si só, serviu de previsão de abundância de bênçãos materiais e espirituais. Isso constituiu uma autêntica restauração. Nesse episódio, Noemi representa o povo judeu do futuro, e Rute, a moabita, representa todos os povos gentílicos que tiverem permissão de compartilhar a sorte renovada e feliz do povo de Israel, durante o milênio.

Enfim, aquele que começa a ler o livro de Rute só cessa a leitura quando chega ao fim. E, então, sente o seu espírito refrigerado, compartilhando a felicidade da idosa e simpática Noemi. Obede, filho nascido de Boaz e Rute, embora não fosse neto autêntico de Noemi, representou grande consolo para ela. As mulheres judias compreenderam isso e lhe disseram: "Ele (o menino) será restaurador da tua vida, e consolador da tua velhice, pois tua nora, que te ama, o deu à luz, e ela te é melhor do que sete filhos". E Noemi, com o coração transbordando da felicidade recém-encontrada, "... tomou o menino, e o pôs no regaço, e entrou a cuidar dele". Todos devem ter percebido o apego de Noemi pela criança, pois as mulheres da localidade comentavam: "A Noemi nasceu um filho" (4.15-17).

Também nós, quando da volta do Senhor Jesus, haveremos de apegar-nos a Ele para nunca nos cansarmos. E Ele nunca cansará de nós. Cristo já não mostrou como nos tratará? Eis que ele mesmo diz: "Eis aqui estou eu, e os filhos que Deus me deu" (Isa. 8.18 e Heb. 2.13).

IX. Esboço do Conteúdo

A. *Introdução: O Drama de Noemi* (1.1-5)
B. *Noemi Volta a Judá* (1.6-22)
   1. Rute apega-se a Noemi (1.6-18)
   2. Noemi e Rute chegam a Judá (1.19-22)
C. *Encontro de Rute e Boaz* (2.1-23)
   1. Rute começa a colher (2.1-7)
   2. Bondade de Boaz para com Rute (2.8-16)
   3. Rute volta a Noemi (2.17-23)
D. *Rute e Boaz na Eira* (3.1-18)
   1. Instruções de Noemi a Rute (3.1-5)
   2. Boaz resolve ser parente remidor (3.6-15)
   3. Rute volta a Noemi (3.16-18).
E. *Boaz Prepara-se para Casar com Rute* (4.1-12)
   1. O parente mais chegado nega-se (4.1-8)
   2. Boaz torna-se o remidor e casa-se com Rute (4.9-12)
F. *Conclusão: A Felicidade de Noemi* (4.13-17)
G. *Epílogo: Genealogia de Davi* (4.18-22)

Queremos ainda tecer alguns comentários esclarecedores sobre certos pontos desse esboço do conteúdo:

1. *A Desastrosa Migração a Moabe* (1.1-5). Uma data aproximada para esses acontecimentos, se formos retrocedendo da genealogia de 4.17, é 1100 A.C. O período de fome, em Israel, tornou Elimeleque e os três membros de sua família "peregrinos" em Moabe, onde eles não tinham nenhum direito como cidadãos. Não há menção a algum castigo divino por haverem eles deixado a sua terra, e em face do casamento de Malom e Quiliom com jovens moabitas, mas esse castigo pode aparecer implícito nos desastres que se abateram sobre a família com a morte dos três membros masculinos: Elimeleque primeiro, e, então, Malom e Quiliom, deixando três mulheres viúvas. Outrossim, a lamentação de 1.21 sugere a perda de consideráveis possessões materiais, que a família teria trazido de Belém, talvez adquiridas antes que a fome apertasse em Judá. Diz aquele versículo: "Ditosa eu parti, porém o Senhor me fez voltar pobre...".

2. *Volta de Noemi a Belém de Judá* (1.6-22). Quando Noemi resolveu voltar à sua terra, suas duas noras viúvas teriam mais probabilidades de arranjar novos casamentos em Moabe. Orfa percebeu a desvantagem de ir para Judá com Noemi. Mas certas palavras de Rute mostram que ela já havia aceitado *Yahweh* como o seu Deus, antes mesmo de resolver partir para Judá. Disse Rute: " ... faça-me o Senhor o que lhe aprouver..." (1.17). E assim Rute partiu com Noemi, naquela viagem de apenas 80 km até Belém da Judéia. Para nós, essa distância nada representa. Com um automóvel, nas estradas modernas, tal distância pode tomar apenas uma hora de viagem. Mas, naquele tempo, viajando a pé, duas mulheres podem ter passado vários dias no trajeto, enfrentando os mais diversos perigos.

3. *Rute e Boaz Conhecem-se* (2.1-23). Os cuidados demonstrados por Boaz em favor de Rute mostram-nos quão indefesa estava uma mulher, jovem e estrangeira, em outra terra que não a sua. Apesar do perigo, Rute trabalhou arduamente, a fim de sustentar a si mesma e à sua idosa sogra. Sem dúvida, isso não deixou de ser observado por Boaz. Quem gosta de uma mulher preguiçosa, mesmo quando sofre penúria?

4. *O Plano de Noemi* (3.1-5). Assim como Rute mostrou-se disposta a trabalhar para sustentar a sogra, também Noemi planejou a felicidade de sua nora. As instruções de Noemi a Rute foram um apelo indireto a Boaz, para que ele desempenhasse seu papel de parente-remidor. Nessas instruções, Rute teria de tomar a iniciativa na conquista amorosa. Talvez Noemi tenha visto que Boaz, por ser homem de meia-idade, e solteirão, não tomaria a iniciativa. Mas depois que Rute pediu que ele lançasse a capa sobre ela, mostrando assim que o aceitaria com prazer como marido, Boaz começou a agir. Assim, Noemi planejou de modo estratégico certo. O primeiro obstáculo para Boaz foi afastar o parente ainda mais chegado, o que ele conseguiu valendo-se do argumento de que ele também deveria casar com Noemi, o que o parente mais chegado não aceitou. E, tendo começado a tomar providências para casar com Rute, Boaz não era homem irresoluto para ficar pelo meio do caminho, conforme Noemi reconheceu. Ver Rute 3.18.

5. *Na Porta da Cidade* (4.1-12). Essa porta sempre dava para a praça principal das cidades antigas. Ali se faziam os negócios comerciais, judiciais e sociais. Interessante é o antigo costume refletido em 4.7,8. Aquele foi o sinal público de que o parente mais chegado desistia do dever de ser o parente-remidor, transferindo-o a Boaz. O ato solenizou e deu legalidade ao casamento de Boaz e Rute.

IX. Bibliografia

AM E I IB LAN MOF TI Z

Ao Leitor

O estudioso sério das Escrituras nunca começará a estudar a exposição de um de seus livros sem primeiro examinar a sua *Introdução.* A introdução prefixada ao livro de Rute explica questões como: significado do nome; pano de fundo histórico; autoria; data; propósitos; canonicidade; teologia; valor literário e conteúdo. Tendo estudado essas questões, o leitor estará devidamente preparado para entrar no estudo do livro propriamente dito, dotado de uma compreensão geral que o ajudará em um estudo mais detalhado.

Citações de Rute no Novo Testamento. Não existem citações diretas do livro de Rute no Novo Testamento. Os nomes Boaz e Rute aparecem em Mateus 1.5, na genealogia de Jesus. Ao casar-se e ter filhos com Boaz, Rute tornou-se a bisavó do rei Davi (ver Rute 4.13-22). Foi assim que uma desprezada viúva moabita entrou na genealogia de Davi, que culminou na pessoa de Jesus.

A história passou nos dias dos juízes de Israel, embora nada tenha em comum com os relatos sangrentos das guerras internacionais e intertribais que são narradas no livro de Juízes. Talvez um dos propósitos do livro consista em criar um sentimento favorável acerca dos estrangeiros e de seu potencial espiritual, ao passo que o livro de Juízes tem o efeito precisamente oposto, porquanto ali a palavra "estrangeiro" sempre aparece como sinônimo de "opressor".

Nos tempos pós-exílicos, a lei de Israel forçava o divórcio de hebreus que se tivessem casado com estrangeiros, visto que o Novo Israel, que começou logo depois do *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*), tinha de ser racialmente puro. Alguns estudiosos supõem (sem dúvida de forma errônea) que Rute seja um livro de tempos pós-exílicos, cuja intenção era suavizar a postura acerca dos "estrangeiros". Seja como for, o amor universal de Deus brilha através de todos os limites nacionais e até os transcende, porquanto "Deus amou o mundo de tal maneira" (João 3.16). O fato de que os antepassados de Jesus incluem indivíduos gentios, e até uma humilde viúva moabita, é instrutivo e dificilmente pode ter ocorrido como mero acidente histórico. Embora houvesse uma nação escolhida (ver Isa. 19.24), o Messias também serviria de "luz para os gentios" (Isa. 49.6). E o povo escolhido de Israel veio à existência precisamente para tornar essa Luz mais brilhante e eficaz. Os livros de Jonas e de Rute, pois, atuam como se fossem os trechos de João 3.16 do Antigo Testamento.

"Essa amorosa história deve ser lida em conexão com a primeira metade do livro de Juízes, porquanto nos apresenta um quadro da vida em Israel, durante a época deles. Mui tipicamente, o livro de Rute pode ser tido como uma visão antecipada da Igreja (Rute), como a noiva gentílica de Cristo, o betelemita, capaz de redimir. Rute também serve de exemplo do serviço cristão normal: 1. decidindo (cap. 1); 2. servindo (cap. 2); 3. descansando (cap. 3); 4. recebendo a sua recompensa (cap. 4)" (*Scofield Reference Bible*, Introdução).

Idéia Geral do Livro de Rute. O livro recebe seu nome de uma jovem moabita que se casou com um homem hebreu que fora viver na terra de Moabe. Quando ele morreu, Rute migrou para Israel em companhia de sua sogra, Noemi, para a cidade de Belém. Ali a providência divina mostrou-se graciosa e fê-la conhecer Boaz, um próspero agricultor hebreu. A união que resultou desse encontro tornou Rute a bisavó do rei Davi, fazendo-a assim entrar na genealogia de Jesus, o Cristo (ver Mat. 1.5).

Rute e Ester. Os dois livros com esses nomes são os únicos volumes formadores da Bíblia que foram chamados de acordo com duas personagens femininas. Ambas as mulheres desempenharam um papel-chave na história de Israel. Ester casou-se com um rei gentio, sendo assim alçada a uma posição que garantiu a sobrevivência do povo de Israel em tempos atribulados. Rute foi usada por Deus a fim de perpetuar a linhagem do Messias. O livro de Rute é lido anualmente pelos judeus ortodoxos por ocasião da festa do Pentecoste. O casamento de Rute ocorreu durante o tempo dessa festa religiosa, o que explica a conexão histórica (ver Rute 3.2 e cf. Rute 1.22).

Data do Livro. É impossível determinar com precisão a data do livro. Visto que Salomão não é mencionado na genealogia existente no final do livro (ver 4.18-21), é possível que o livro tenha sido escrito antes dos dias do seu reinado, provavelmente ainda nos dias de Davi. No entanto, o costume de trocar de sandálias (ver 4.7) parece refletir os dias de Salomão.

Época Refletida. Visto que Rute foi a bisavó de Davi (4.17), o qual começou a reinar em Hebrom em 1010 A. C., as experiências do livro devem ter ocorrido na última metade do século XII A. C. Alguns estudiosos crêem que Rute foi contemporânea do juiz Gideão.

Um dos propósitos do livro de Rute pode ter sido a tentativa de afirmar os direitos de Davi ao trono de Israel. A providência divina especial, que tinha operado em favor de Rute, também operou no caso de Davi, para torná-lo rei, em lugar de qualquer outro pretendente. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.*

Boaz tipifica Cristo, o qual, em Sua graça, realizou o propósito da redenção. Rute, por sua vez, simboliza a noiva gentílica de Cristo, a Igreja.

Problemas em Rute Quanto à Lei do Levirato. O leitor deve examinar no *Dicionário* os artigos intitulados *Goel* e *Lei do Levirato* quanto a informações necessárias sobre essa questão. Após verificar esse material, tornar-se-á patente ao leitor que o livro de Rute vai além das provisões dessa lei, conhecida através de outras fontes. De fato, Rute tornou-se uma fonte de informações sobre a flexibilidade da lei, e como, em diferentes épocas, ela era aplicada de formas diversas. Os críticos, todavia, supõem que o livro de Rute seja apenas uma novela romântica dos hebreus, e que suas referências históricas não deveriam ser tomadas literalmente e de forma estrita. Em outras palavras, não seria um relato histórico autêntico, pelo que seus informes não deveriam ser sempre tidos como acurados. Os estudiosos conservadores, por sua vez, supõem que as explicações dadas quanto às diferenças e adições sejam adequadas para preservar a convicção de que o livro é uma obra literária histórica, e não apenas um romance.

Problemas Específicos:

1. No livro de Rute, foi Rute, a nora, que foi remida, juntamente com a terra que nem ao menos era dela, em lugar de Noemi, a viúva, e as suas terras. Isso supõe grande liberalidade na aplicação da lei do levirato, de tal modo que uma mulher foi capaz de tomar o lugar de outra, ao mesmo tempo que terras puderam ser legalmente transferidas para outrem, coisas essas jamais ouvidas fora do livro de Rute.
2. Além disso, um parente mais remoto (não o irmão do morto) teve permissão de fazer a redenção, algo que também só aparece no livro de Rute.
3. Rute apresentou a questão como se Boaz tivesse o dever de realizar o ato de redenção; mas, se ele não era irmão do falecido, então somente por um ato de graça e amor poderia desempenhar o papel de parente-remidor, e não por ser obrigado a isso, a menos que a lei tivesse assumido aspectos nunca ouvidos através de outras fontes informativas.
4. A cerimônia da sandália, de acordo com o livro de Rute, não envolveu nenhum senso de vergonha; mas no trecho de Deuteronômio 25.9, a viúva cuspiria no rosto do homem que não estivesse disposto a desempenhar o seu papel de parente-remidor. No livro de Rute, de fato, não há nenhuma menção à idéia de

pejo, diante da substituição de um parente-remidor por outro, ficando assim automaticamente resolvidos todos os problemas relacionados ao caso. Além disso, não há indício, no livro de Rute, de que o parente-remidor era irmão do falecido Elimeleque. Portanto, seu suposto dever era uma questão de escolha pessoal.

O episódio do livro de Rute pode representar um estágio histórico no desenvolvimento das leis envolvidas no caso. Os códigos legais dos assírios e de Nuzi mostram que a cerimônia da sandália era a *renúncia* a um direito, o que, por sua vez, significa que havia ampla aplicação daquele costume. Sem dúvida, essa lei do levirato tinha suas variações de cultura para cultura, e de época para época. John Gill mencionou a cerimônia da sandália em conexão com negociações, nada tendo que ver, pois, com o problema do casamento levirato, pelo que, até mesmo em Israel, o rito era aplicado sem rigidez. Cf. Deu. 25.6-9.

Exposição

Capítulo Um

Introdução: O Drama de Noemi (1.1-5)

A narrativa começa de maneira sombria. A escassez de alimentos tinha forçado uma família a sair da cidade de Belém a fim de refugiar-se no território de Moabe. Após dez anos, a morte tinha obrigado aquela família (agora já sem o chefe da casa e sem os dois filhos, pois os três homens haviam morrido) a retornar a Israel. Mas a graça e a providência de Deus estavam atuando. Um plano mais amplo estava sendo desenvolvido em meio à tristeza, à necessidade e à dor.

O próprio livro situa as ações no tempo dos juízes de Israel; mas isso não determina nenhuma data exata de sua escrita. Surtos de fome eram comuns, pelo que essa circunstância não pode ser usada para determinar um período histórico.

Uma maneira antiga de introduzir livros foi exatamente a que encontramos no livro de Rute: são dados os nomes das principais personagens, e então são esclarecidas as circunstâncias em que o drama se desenrolou. Em seguida, havia uma designação acerca de quando as ações ocorreram.

A fome era um dos instrumentos de julgamento nas mãos de Deus; e os eventos, tanto gerais quanto pessoais, com freqüência são determinados por algum modo de julgamento do pecado. Mas, a despeito dessa verdade, há sempre graça divina abundante para reverter as circunstâncias e "fazer virar a maré". Portanto, o teísmo ficou assim, mais uma vez, ilustrado: o homem não vive sozinho; Deus criou, mas também faz-se presente para julgar, recompensar e intervir na história humana. Isso deve ser contrastado com o deísmo, que ensina que, apesar de talvez haver alguma força criativa (pessoal ou impessoal), essa força ou pessoa abandonou a sua criação, deixando-a entregue ao sabor das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos *Teísmo* e *Deísmo*.

"O controle divino das colheitas foi sempre um fator importante no desenvolvimento dos eventos do livro de Rute" (John W. Reed, *in loc.*).

1.1

Nos dias em que julgavam os juízes. Temos aí o elemento tempo da narrativa de Rute. Os "juízes" talvez tenha sido, especificamente, Gideão. Mas é impossível determinar isso com algum grau de certeza.

As Circunstâncias. A família de Elimeleque precisou abandonar seu lar, em Belém, onde a fome ameaçava extinguir a todos, e fugiram para o território de Moabe, onde, segundo é de presumir, havia razoável suprimento para as necessidades básicas da vida.

Personagens do Drama. São apresentadas nos versículos 1 e 2. Portanto, temos aqui uma típica maneira antiga de introduzir um relato, conforme já disse na Introdução.

Fome. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fome*. Uma das armas divinas, comumente usadas contra o pecado era a fome, quando os homens são humilhados ao ponto em que nem ao menos podem encontrar o bastante para comer. Cf. I Reis 16.30-17.1; 18.21,37; 19.10, onde é dito especificamente que a fome foi usada por Deus como modo de julgar um povo desobediente.

A leitura do livro de Juízes (ao qual o livro de Rute está associado) mostra-nos claramente muitas áreas de julgamento divino. Ver também Deu. 7.16; 12.23 - 20.17; Jos. 16.10; Juí. 1.27-33 quanto a ilustrações sobre esse tema.

Belém. Ver a respeito dessa cidade no *Dicionário*. Ela ficava cerca de oito quilômetros ao sul de Jerusalém. O marido hebreu de Rute nascera ali. Posteriormente, Obede, filho de Boaz e Rute, também nasceu em Belém. Um neto de Obede foi Davi, o rei (ver Rute 4.18-21; I Sam. 17.58), o qual também nasceu ali. Belém foi ainda o lugar do nascimento de Jesus, o Cristo, o Filho maior de Davi (Luc. 2.4-7).

A viagem de Belém a Moabe cobriu somente cerca de oitenta quilômetros para o leste, no lado oposto do mar Morto. Não somos informados sobre a razão pela qual a família para lá se dirigiu; mas a proximidade, sem dúvida, foi um fator favorável. É óbvio que ali havia alimentos, e "alimento próximo" era a grande necessidade do momento. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Moabe*.

Os Targuns sobre essa passagem listam, laboriosamente, dez períodos conspícuos de fome que Deus impôs contra um povo pecaminoso. E o sexto desses períodos foi precisamente aquele que envolveu Rute. Naturalmente, houve muito mais do que dez períodos de fome, mas esses foram escolhidos seletivamente, dentre muitas possibilidades, e todos eles com base nas narrativas bíblicas. Os Targuns também procuram afirmar, laboriosamente, qual juiz esteve relacionado à história prestes a ser relatada, mas com muitas sugestões variantes. John Gill (*in loc.*) listou todas as sugestões e acabou falando sobre "a incerteza que cerca toda essa questão".

Amigos entre Inimigos. Os moabitas eram inimigos tradicionais de Israel. É possível que o livro tenha tido o propósito de aliviar "as relações tensas" entre esses dois povos, ou então mostrar como a providência de Deus predomina sobre todas as situações, fazendo o bem proceder do mal. Ver os detalhes sobre essa questão, na porção intitulada Idéia Geral do Livro de Rute.

Belém de Judá. Vários significados circundam essa cidade, a saber: 1. A aldeia da cortesia (Rute 2.1-23); 2. a aldeia de Davi, o rei, e, portanto, a aldeia da consagração (I Sam. 16.1-13); 3. a aldeia de três heróis e da dedicação (II Sam. 23.13-17); 4. a aldeia de Miquéias e da esperança (Miq. 5.2); 5. a aldeia de Jesus, e, portanto, da esperança e do triunfo (Luc. 2.1-20). Esses pensamentos foram sugeridos por James T. Cleland, *in loc.*

> *Aldeia de Belém, como te vemos ainda jazendo!*
> *Acima do sono profundo e sem sonhos das estrelas.*
> *Em tuas ruas escuras brilhou a eterna Luz;*
> *Todas as esperanças concentram-se em Jesus!*
>
> (Phillips Brooks)

1.2

Elimeleque... Noemi... Malom... Quiliom. Essas são as quatro personagens iniciais da história. Todos os nomes próprios deste versículo receberam artigos separados no *Dicionário*. Listar as personagens principais de uma narrativa fazia parte de um antigo modo de introduzir livros, na antiguidade.

Significados dos Quatro Nomes:

Elimeleque: Deus é meu Rei.
Noemi: Bela, amigável.
Malom: Enfermidade.
Quiliom: Completo, perfeito.

Esses nomes e seus significados têm sugerido, para alguns estudiosos, que a história prestes a ser relatada é apenas uma novela religiosa, e não uma narrativa histórica; mas isso apenas exagera a questão dos nomes e seus significados. Não obstante, esses significados são instrutivos no que diz respeito ao *relato propriamente dito*.

"Visto que se trata de um conto popular, o ponto de vista que devemos salientar na análise deve ser a perspectiva de um poeta ou de um contador de histórias, ou seja, a abordagem usada por John Bunyan (autor de O Peregrino), e não a abordagem de escritores como João Calvino... As parábolas de Jesus deveriam ser uma leitura obrigatória antes de o livro de Rute ser exposto e aplicado" (Louise P. Smith, *in loc.*). Assim expressou-se uma autora que não crê na historicidade do livro de Rute. Por outro lado, não há razão alguma para duvidarmos da historicidade desse relato bíblico, meramente por ser um lindo épico. Todos os estudiosos concordam que o livro é um notável exemplo antigo de épicos e idílios, uma gema entre as histórias breves de todas as épocas.

Efrateus. Ver no *Dicionário* o artigo *Efrata*. Esse era outro nome aplicado à aldeia de Belém (ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Belém*). Ver Rute 4.11; Gên. 35.19; 48.7 e Miq. 5.2.

O nome Elimeleque ("Deus é Rei"), pode ser achado nas cartas de Tell El-Amarna (século XIII A. C.), embora não no período pós-exílico, quando já haviam desaparecidos nomes compostos com melech, "rei". A Septuaginta alterou o nome dele para Abimeleque, sem nenhuma autoridade. O uso dos nomes antigos confirma a antiguidade da narrativa.

1.3-5

Morreu... morreram também ambos. Não nos é dito quanto tempo se passou entre a chegada da família em Moabe e a morte de Elimeleque. Mas parece que a decisão de Noemi voltar a Belém ocorreu muito depois da morte de seu marido, visto que seus filhos cresceram e se casaram com mulheres moabitas, o que indica que a vida continuou normalmente, por algum tempo. E foi então que acabaram morrendo, igualmente, ambos os filhos de Noemi (vs. 5). Agora havia três viúvas morando na mesma casa: Noemi e suas duas noras, Rute e Orfa. E, finalmente, Noemi resolveu voltar a Judá e Rute preferiu acompanhá-la, ao passo que Orfa escolheu ficar em Moabe. Ao todo, cerca de dez anos se tinham passado, desde que Elimeleque e seus familiares haviam feito a viagem de Belém a Moabe (vs. 4).

O texto não dá a entender nenhum conflito em torno do fato de que os filhos de Elimeleque se casaram com jovens moabitas, uma das quais era Rute. Isso quebrou a tradição dos hebreus acerca de casamentos mistos com pagãos; mas provavelmente devemos entender que as mulheres se tinham convertido ao yahwismo, a fé dos hebreus. O trecho de Rute 1.16,17 sem dúvida subentende

isso. Alguns eruditos têm pensado que o livro, tal como o de Jonas, é um tipo de João 3.16 do Antigo Testamento, tendo assumido uma abordagem mais universalista da fé religiosa e deixando cair por terra proibições e restrições inerentes ao antigo yahwismo. Ver sob o título *Ao Leitor* uma discussão sobre algumas implicações desse casamento misto, no livro de Rute, e sobre o fato de que, através disso, Rute se tornou a bisavó de Davi, o rei, e, por conseguinte, antepassada de Jesus, o Cristo.

Orfa... Rute. Ver sobre ambos esses nomes no *Dicionário*, quanto a significados e detalhes pessoais. Parece que o nome Orfa significa "teimosa"; mas dificilmente isso tem algo que ver com o alegado fato de que ela se mostrou rebelde e não acompanhou Noemi até Belém. Isso poderia ser verdade se o livro fosse mesmo uma novela religiosa, onde os nomes tivessem sido cuidadosamente escolhidos para retratar o caráter geral das personagens. O nome Rute quer dizer "amiga", e, como é lógico, ela se mostrou grande amiga de Noemi. Outras derivações têm sido sugeridas, dizendo, por exemplo, que poderia significar "chuva". Nesse caso, Orfa teria sido uma nuvem, e Rute teria sido uma chuva na vida de Noemi. Porém, a menos que o relato tivesse tido a intenção de ser uma representação poética do caráter e dos atos humanos, provavelmente isso é querer extrair demais do sentido dos nomes. O trecho de Rute 1.9 ss. sem dúvida não soa uma nota azeda no que toca a Orfa, embora, afinal, ela tenha preferido ficar em Moabe.

Casamentos Mistos. Ver em Deuteronômio 7.3 a lei que bania esse tipo de casamento, e onde ofereço comentários suficientes. Ver também I Reis 11.1-6 e Mal. 2.11 quanto aos maléficos resultados dos casamentos mistos religiosos. Através desse tipo de casamento, por muitas vezes a idolatria encontrava penetração em Israel.

Os dois casamentos mistos (com Orfa e Rute) não produziram filhos. E isso facilitou, até certo ponto, a decisão de Rute acompanhar Noemi, quando esta resolveu voltar a Belém.

O Targum sobre este texto faz de Rute a filha de Eglom, rei de Moabe; mas isso é uma exaltação desnecessária, sem nenhuma base em fatos históricos.

Os versículos 3 a 5 não fornecem detalhes sobre a morte de Elimeleque e seus dois filhos. No caso dos dois filhos, que se casaram "fora" de Israel, os comentadores judeus anelam por encontrar alguma forma de julgamento divino em operação. Alguma enfermidade ou acidente fatal sobrevieram aos homens, por causa desse e de outros pecados; mas o próprio texto sagrado não nos fornece indícios nessa direção.

Uma Tragédia. Cumpre-nos observar que a tragédia armou o palco para coisas maiores à frente. Os casamentos não resultaram em filhos, o que também representava uma calamidade, de acordo com a mentalidade dos antigos. Além disso, as duas mulheres tiveram de viajar sozinhas. No entanto, lá em Judá, Boaz estava esperando a chegada de Rute, um acontecimento que já havia sido determinado pela Providência divina, desde todos os tempos. "Muitas são as aflições do justo" (John Gill, *in loc.*), mas de todas elas o Senhor nos livra, e, finalmente, nos concede graça e glória.

Por enquanto, ainda não havia um herdeiro. Uma nova linhagem haveria de ter início. Davi estava esperando, Três gerações adiante, depois de Rute. E Jesus, muitas gerações mais tarde, estava esperando, pois Ele foi um descendente de Rute.

Noemi Volta a Judá (1.6-22)

Rute Apega-se a Noemi (1.6-18)

Espalharam-se as notícias de que a fome terminara em Belém de Judá. E assim, nada tendo em Moabe, não havia razão para Noemi não retornar à sua terra natal. Suas raízes a estavam chamando. São necessárias razões muito poderosas para uma pessoa não dar ouvidos a esse tipo de chamado. Noemi estava ouvindo e obedeceu. Outrossim, ela não gostava muito de Moabe e de sua crassa idolatria. Acresça-se que Moabe se tinha tornado para ela um lugar de retrocesso e tragédia, ao passo que Belém representava memórias muito agradáveis e gratas.

1.6,7

Então. A introdução havia terminado. E agora a narrativa propriamente dita começava. E isso com outra viagem de Noemi, de volta a Belém de Judá. Voltar para casa estava em seu coração, e logo ela passaria a agir nesse sentido. Deus tinha "visitado" Belém com um período de fome, que os antigos geralmente tomavam como prova de que havia em andamento um juízo divino; mas agora Ele também havia "visitado" o Seu povo com abundância de víveres, um ato benévolo da Providência divina. Ver em Êxo. 20.5 e Amós 3.2 a fome como uma expressão de julgamento divino; e ver em Êxo. 4.31; Jer. 29.10 e Sal. 84 a abundância de alimentos como uma expressão de bênção divina.

Diante de nós temos uma narrativa. De fato, trata-se de uma das mais belas histórias breves de todos os tempos. Cinqüenta e nove dos oitenta e quatro versículos do livro contêm diálogos, a começar pelo oitavo versículo. A narrativa na terceira pessoa muda para conversação. As chuvas tinham preparado o caminho para a abundância, e Noemi agora se encaminhava para a abundância, em todos os sentidos da palavra.

De volta para a terra de Judá. "Retornar" é a idéia-chave aqui. Deus sempre abre diante de nós boas reversões, por meio das quais podemos prosperar. Falamos em reversões da sorte. Na realidade, porém, a vontade divina manifesta-se nas boas reversões. Nada acontece por mero acaso. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Providência de Deus* e *Teísmo*.

Parecia que o retorno aplicar-se-ia somente a Noemi, mas a vontade de Deus promoveu um plano mais amplo. Na verdade, o que estava prestes a ocorrer era a viagem de Rute para Belém, que teria repercussões históricas e proféticas. Algumas vezes, o arrependimento é um retorno; mas nesse caso o retorno consistiu em seguir ativamente a vontade de Deus. Vamos e voltamos, sempre de acordo com a vontade de Deus. Parece que tanto Orfa quanto Rute acompanharam Noemi por alguma distância. Mas parecia que a acompanhariam somente por uma parte do caminho. Rute, entretanto, continuou a acompanhá-la, o que constituiu uma surpresa para Noemi, uma reversão da decisão inicial. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Orfa só foi até a fronteira que separava os territórios de Moabe e Judá. Mas o destino de Rute ficava para além daquela fronteira.

Noemi, uma boa sogra, tinha obtido o afeto leal de suas duas noras. Como é óbvio (ver o décimo versículo), até mesmo Orfa tencionava ir para Judá; mas Noemi convenceu-a a ficar em Moabe, juntamente com seu povo. Por sua parte, Rute não conseguiu ser convencida a voltar para seu povo. Seu coração já lhe estava falando sobre um Novo Dia, que esperava por ela na estrangeira terra de Judá.

1.8

Voltai cada uma à casa de sua mãe. Seria apenas natural pensar que uma "mãe" estava esperando por Orfa, e outra "mãe" estava esperando por Rute. Ambas, sem dúvida, seriam bem acolhidas na casa de seus pais. Ali teriam um suprimento natural de tudo o que poderiam precisar, e não sofreriam necessidade alguma. O Senhor (Yahweh) sem dúvida abençoaria a ambas, cada qual na casa de seu pai; e Noemi seria abençoada em Belém. As localizações geográficas não podem impedir as Bênçãos de Deus, embora, algumas vezes, possam facilitá-las. Noemi estava pensando "racionalmente". No caso de Orfa, Noemi estava certa. No caso de Rute, porém, a vontade de Deus tinha algo diferente em vista, que as racionalizações de Noemi não poderiam perscrutar. O trecho de Rute 2.11 mostra-nos que pelo menos ainda vivia o pai de Rute. Sem dúvida ele gostaria muito de acolher em sua casa a filha viúva. Por outro lado, Deus é o Pai Supremo, que cuida das pessoas melhor do que os mortais. Rute, pois, dirigiu-se com passos firmes ao seu destino.

"O amor de Noemi não era egoísta. A companhia de Rute e de Orfa, sem dúvida alguma, teria sido um grande consolo para ela. Contudo, não queria que elas se sacrificassem por sua causa. Ambas tinham Mãe e um lar. Talvez Noemi não conseguisse garantir um lar para elas em Belém" (Ellicott, *in loc.*). Noemi estava pensando em termos de um novo casamento para as duas mulheres moabitas; e, naturalmente, as duas mulheres moabitas teriam melhores chances de casarem-se de novo em Moabe, e não em Israel, onde esse casamento misto seria desencorajado, se não mesmo abertamente condenado.

O Senhor use convosco de benevolência. A vontade de Deus, segundo se esperava, era benévola (no hebraico, hesed), porquanto "Deus amou o mundo de tal maneira" (João 3.16). As duas noras de Noemi sem dúvida eram merecedoras da benevolência divina. E, assim sendo, Noemi garantiu que ELAS deveriam procurar essa benevolência entre a sua própria gente. A bondade de Deus não se limita a fronteiras nacionais. O Pacto Abraâmico envolve todos os povos, especialmente depois que foi universalizado em Cristo. Quanto ao Pacto Abraâmico, ver as notas expositivas em Gên. 15.18.

1.9

Cada uma em casa de seu marido. Os homens da família já haviam sido arrebatados pela morte; e agora a separação haveria de causar uma divisão até entre as mulheres. Tudo agora era só esperança: "Algum dia, vocês, meninas, terão novos maridos e novos lares". Temos aqui exibida graficamente a triste situação das viúvas, nos dias antigos. Os pais das jovens teriam de renovar suas responsabilidades, até que surgissem novos maridos para elas. A "dependência" feminina fica assim ilustrada. A condição das mulheres, desde então, tem mudado radicalmente para melhor em muitas (embora não em todas as) sociedades modernas. Mas a viuvez, seja como for, é uma prova difícil para uma mulher. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Viúva*.

E beijou-as. O ato de beijar era um sinal de afeto. O chamado *ósculo santo*, entre

pessoas de sexo diferente, era usualmente dado na mão. Naquele tempo, tal como hoje em dia, o "beijo" era uma maneira de dizer "adeus" ou de saudar a alguém. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Beijo.* Dizer "adeus" é uma espécie de "pequena morte". Contudo, mesmo nos casos de "morte grande", a separação não é definitiva. Arthur John Gossip, eloqüente pregador e autor, dedicou dois de seus livros à sua esposa, e o segundo após a morte dela. A dedicatória dizia: "· minha esposa, até hoje minha companheira, com gratidão, amor e esperança". E também: "· minha casa, que agora *faz muito tempo está na casa do Pai".* Esses fatos ficaram registrados no livro intitulado Experience Works Hope, havendo algo de consolador na observação de que a experiência durante a vida, longe de deixar-nos desconsolados, na verdade acende a esperança, mesmo quando essa experiência traz a morte.

1.10

Não, iremos contigo ao teu povo. A determinação das duas jovens, de ficarem com sua sogra, o que incluía a recusa de voltarem às suas respectivas casas paternas, ao que poderia parecer, na ocasião, importava em desistirem elas de se casarem de novo. Isso serve de ilustração da profunda amizade e do afeto que se tinha desenvolvido entre aquelas três mulheres. O espírito de sacrifício pessoal era o conceito que governou aquele momento. Os Targuns procuram lançar uma "luz" desnecessária sobre o texto, ao suporem que as duas jovens estavam resolvidas a converter-se à fé dos hebreus, o que abriria para ambas a possibilidade de um novo casamento. Naquele momento, entretanto, não houve nenhum "cálculo teológico" dessa natureza.

1.11

Voltai, minhas filhas. Noemi já era mulher muito idosa para produzir filhos com os quais as duas jovens pudessem casar-se; e elas também não haveriam de querer esperar o tempo necessário para que os meninos se tornassem adultos e casassem com elas. Novos casamentos, pois, eram a única grande esperança para que aquele desastre fosse revertido, conforme acontece com a vasta maioria das mulheres que enviúvam. Naqueles dias, uma mulher viúva era forçada a depender ou de seu pai, ou da prostituição, se quisesse sobreviver, a menos que viesse a casar-se de novo. Noemi, pois, afirmou enfaticamente que ela era incapaz de resolver o problema que suas duas noras estavam enfrentando.

1.12

Tornai, filhas minhas, ide-vos embora. Noemi prosseguiu em suas racionalizações, transbordante de condições impossíveis. Ela estava idosa demais para casar-se de novo e ter filhos que pudessem casar-se com suas duas noras. Não fora isso, e não fosse verdade que as próprias mulheres já estava idosas bastante para esperar que novos filhos de Noemi nascessem e crescessem, então ela estaria ansiosa para produzir outros filhos para elas. O caso, entretanto, simplesmente não tinha solução. Portanto, a recomendação que voltassem ao povo delas era a única orientação que lhes podia dar. Em outras palavras, a utilidade de Noemi para suas duas noras era uma perda de tempo. Elas teriam de buscar socorro em algum outro lugar.

A lei do levirato (ver Deu. 25.5,6) provavelmente estava por trás de toda a argumentação de Noemi. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Lei do Levirato.* Não havia irmãos vivos que pudessem assumir a responsabilidade de casar-se com as jovens, como seus cunhados. E não haveria mais filhos. Esse aspecto da vida de Noemi tinha terminado. Ver a história, no capítulo 38 de Gênesis, quanto a uma aplicação dessa lei. Os códigos legais dos hititas e dos assírios continham provisões similares. A lei do levirato não pesava sobre um filho não-nascido. Além disso, um irmão que se casasse com a esposa de um seu irmão falecido tinha de ser alguém gerado pelo mesmo pai que o falecido. Assim sendo, essas condições eliminavam toda esperança de que Noemi pudesse ajudar suas duas noras, com filhos, para se casarem com elas.

1.13

Até que viessem a ser grandes? A triste argumentação de Noemi prossegue aqui. Era uma argumentação fútil, pois não levava a coisa nenhuma. Ainda que Noemi tivesse novos filhos, eles não serviriam para casar com as duas mulheres moabitas. Mas então, em uma explosão de amargura, Noemi lançou a culpa de toda a sua sorte cruel sobre Yahweh. A "mão" Dele tinha-se voltado contra ela; e ela só poderia mesmo esperar infortúnio e reversões. Ela não podia oferecer nenhuma esperança para as duas mulheres moabitas, pelo que elas tinham de procurar socorro em outro lugar.

Fraca quanto a Causas Secundárias. Ver também as notas sobre o versículo 20 deste capítulo. A teologia dos hebreus era deficiente quanto a causas secundárias; e, por isso mesmo, todas as coisas eram lançadas na conta de Deus. Para ilustrar, apelemos para a terrível história do homem que já nascera aleijado. Aproximou-se outro hebreu e, vendo o coitado e feio homem, começou a rir-se. De fato, aquele homem aleijado era uma piada pespegada pela natureza. Mas o homem que tanto ria de súbito parou, pois lembrou a sua teologia hebréia: "Deus fez ele ser assim!". A mente dele volveu-se para a "causa única" de todas as coisas. Pontos de vista exagerados sobre a predestinação repousam sobre essa antiga e insuficiente teologia dos hebreus, na qual há espaço somente para Uma Causa de tudo, ou seja, não há causas secundárias. Ora, se há apenas uma única causa, então todas as coisas derivam-se dessa causa única — todas as coisas, tanto as boas quanto as m s. Foi com base nessa idéia que os homens inventaram a terrível doutrina da reprovação ativa. E até mesmo a reprovação passiva é uma teologia inadequada. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes intitulados *Reprovação* e *Predestinação.*

O Senhor. No original hebraico, essa palavra é *Yahweh.* Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Yahweh* e *Deus, Nomes Bíblicos de.*

1.14

Orfa com um beijo se despediu de sua sogra. A vigorosa e convincente argumentação de Noemi levou Orfa a voltar à casa de seu pai. Mas Rute continuou com a sua sogra, encaminhando-se assim para o seu verdadeiro destino, pois nenhuma discussão convenceu-a a abandonar sua sogra. O original hebraico é aqui muito compacto e vigoroso. Somente seis palavras foram usadas. Mas os tradutores são forçados a expandir a frase, a fim de transmitir um sentido compreensível.

É ridículo criticar Orfa quanto a esse particular. Ela simplesmente estava seguindo o destino dela, ao passo que Rute também estava seguindo o seu próprio destino. A dedicação dela a Noemi não era menor que a de Rute. Um novo período tinha começado para Orfa; e um novo período tinha começado para Rute. Elas simplesmente eram pessoas diferentes, pelo que não se deve falar em termos de censura para uma e de elogios para outra. Podemos falar em termos de algum afeto superior existente em Rute, mas nem mesmo isso detrata Orfa em coisa alguma. Viva e deixe viver, dando-se a Deus o crédito por Ele tê-las guiado de maneiras diferentes. Orfa fez o que Noemi mesma insistira que ela fizesse; e o que ela fez foi correto para ela. Mas Rute não atendeu à insistência de Noemi, porque havia uma voz, a voz de Yahweh, que a impelia a continuar até Belém. Rute escolheu um caminho mais excelente, mas isso para ela. O outro caminho foi o caminho mais excelente, para Orfa. O caminho mais excelente é sempre aquele que é governado pelo amor (ver I Cor. 12.31); e foi quanto a isso que Rute se destacou, e devemos dar-lhe o crédito por essa excelência. Noemi, por sua vez, apreciou a determinação e o amor de Rute, e assim permitiu-lhe acompanhá-la até Belém (ver o versículo 18 deste capítulo).

1.15

Eis que tua cunhada voltou ao seu povo. O argumento final de Noemi tencionava convencer Rute a voltar à casa de seu pai, em Moabe, seguindo o exemplo de Orfa, que acabou retornando a Moabe (vs. 14). Mas esse argumento também falhou, tal como tinha acontecido com todos os demais. Os Targuns capitalizam demasiadamente este versículo, dizendo que Orfa tinha abandonado a idolatria dos moabitas, mas agora, ao voltar à casa de seu pai, reiniciava suas antigas práticas idólatras. Mas é uma tolice pintar de preto os textos bíblicos, quando não há nenhum indício nos próprios textos bíblicos. Não houve, no caso de Orfa, nenhuma apostasia, mas tão-somente o pressuposto de que a volta aos moabitas seria o retorno às formas e práticas religiosas anteriores. Entretanto, é correto supor que Rute, por ter ido para Belém, converteu-se deveras à fé dos hebreus. Isso é até mesmo enfatizado no versículo seguinte. Alguns estudiosos têm visto na declaração de Noemi um laivo de henoteísmo. Essa é a crença que diz que "há um Deus que se aplica a nós", mas sem negar que existem deuses que se aplicam a outros povos. O *henoteísmo* foi uma espécie de introdução ao *monoteísmo.* Era um monoteísmo prático, embora ainda não organizado como uma teoria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Monoteísmo.*

"Não há que duvidar que Noemi via os ídolos moabitas como realidades cujo poder, entretanto, estava confinado ao território de Moabe. Ela não estava suficientemente iluminada, quanto à sua religião, para perceber que o Senhor (Yahweh) era mais do que meramente o Deus de Israel" (Ellicott, *in loc.*, que dessa maneira nos oferece a essência do henoteísmo).

1.16,17

Não me instes para que te deixe. É provável que esses dois versículos sejam a passagem mais conhecida do livro de Rute, pois têm sido citados incessantemente por todos os séculos. Têm sido usados nas cerimônias de casamento e fazem parte dos votos tomados. Têm até mesmo sido usados na bibliomancia, sobre o que discuti na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Uma forma dessa adivinhação consiste em prender uma tesoura dentro de uma Bíblia, de modo que fiquem de fora, pelo lado de cima da Bíblia, as orelhas da tesoura, de forma a poderem ser usadas como pontos de apoio

onde a pessoa põe seus dedos indicadores. A Bíblia, assim elevada, serve de eixo em torno do qual a tesoura gira. Perguntas são feitas. As respostas "sim" ou "não" são dadas de acordo com o giro da Bíblia para a direita ou para a esquerda. É fácil, porém, demonstrar que qualquer livro assim preso por um fio, com a tesoura estendendo-se acima, dará respostas pelo mesmo método. As experiências com essa estranha forma de adivinhação mostram que o que está em operação é a psicocinese, ou seja, o poder da mente para mover objetos. As experiências também têm demonstrado que a Bíblia ou outros livros que girem assim não dão respostas desconhecidas para as pessoas presentes, ou que estejam experimentando o jogo, pois tudo não passa de uma brincadeira, sem mais nem menos. Não é algo nem divino nem diabólico. É algo humano, dependendo do poder da mente para mover objetos, sem que haja contato físico. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Psicocinésia*.

A Dedicação Total: Rute não conseguia separar-se de Noemi. Esse impulso vinha de *dentro* dela, de sua própria alma, visto que o destino dela estava em jogo, e esse destino dependia de sua ida para Belém de Judá. Ela estava destinada a tornar-se a bisavó do rei Davi, e uma das antepassadas de Jesus, o Cristo. Isso não poderia tornar-se uma realidade se ela voltasse, juntamente com Orfa, para a terra dos moabitas.

Elementos da Dedicação:

1. *Insistências* contrárias ao destino que começava a descortinar-se tinham de parar imediatamente, antes que impedissem Rute de cumprir o propósito que a estava chamando desde o fundo do coração. Algumas vezes é melhor confiar no coração do que na mente.
2. Rute tinha de *seguir* Noemi, a qual estava avançando na direção em que o destino dela a guiava. Continuamos a avançar quando não parece haver outra saída senão continuar avançando.
3. *Similaridade* de localização geográfica precisava ser conseguida, para que o propósito tivesse cumprimento. Havia um "lugar certo" para que o drama futuro começasse a acontecer.
4. O povo de *Noemi* teria de ser o povo de Rute. Como Rute poderia vir a ser a bisavó de Davi, o rei, se não fosse viver em Belém? Somente ali ela poderia participar da comunidade que haveria de produzir, finalmente, o rei, e então, o Rei Messias.
5. Embora a *morte* haveria de separar as duas, chegado o tempo de Noemi morrer, o propósito já teria operado na vida de Rute, quando isso acontecesse. Não fica claro se Rute já tinha recebido ou não a noção da imortalidade. Esse conceito, de modo geral, só começou a ser aceito em Israel quando do período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento. Mas figura com clareza nos Salmos e nos Profetas, pois foi então que o conceito passou a crescer em Israel. O trecho de Ezequiel 32.21-30 dá a entender que cada nação tem o seu próprio lugar no sheol, e, nesse caso, mesmo naquele lugar espiritual continuaria a identificação de Rute com Israel. Porém, é duvidoso que a declaração feita aqui por Rute queira dar a entender qualquer coisa dessa natureza.
6. Invocação de alguma espécie de *juízo* se o intuito divino não se cumprisse. "A decisão de Rute era tão definitiva que incluía referência à morte e ao sepultamento. Ela ficaria com Noemi até a morte e mais além. A fim de selar a qualidade de sua decisão, Rute invocou o julgamento, da parte do Deus de Israel, se ela viesse a trair seu compromisso de lealdade para com a sua sogra" (John W. Reed, *in loc.*).
7. *Uma nova fé religiosa*, com o conseqüente abandono dos antigos caminhos e sua idolatria, tornaria possível o cumprimento de todas as provisões do compromisso assumido.

"Nunca antes se fizera uma tão perfeita rendição de sentimentos amigáveis para com um amigo" (Adam Clarke, *in loc.*). Rute não abandonou Noemi; antes, continuou a segui-la; alegremente abandonou seu próprio país e seu próprio povo, e com idêntico júbilo adotou um novo povo. A resolução dela foi mais forte do que a própria morte.

Uma Lição Inesquecível. Um elemento conspícuo desses dois versículos não deveria jamais ser negligenciado. Rute sabia, lá em sua própria alma, o que o seu *destino* requeria dela. Essa convicção interior e esse conhecimento foram capazes de derrotar os argumentos de sua sogra, que insistia em que ela seguisse um curso "lógico", o qual, contudo, lhe era prejudicial.

Fé

Oh, mundo, não escolheste a melhor parte;
Não é sábio ser apenas sábio,
E fechar os olhos para a visão interior,
Mas é sabedoria acreditar no coração.
Colombo achou um mundo, e não tinha mapa,
Salvo o da fé, decifrado nas estrelas;
Confiar na empresa invencível da alma
Era toda a sua esperança, toda a sua arte.
Nosso conhecimento é uma tocha fumegante
Que ilumina o caminho um passo de cada vez,
Através de um vazio de mistério e espanto.
Ordena, pois, que brilhe a luz terna da fé,
A única capaz de dirigir nosso coração mortal
Aos pensamentos sobre as coisas divinas.

(George Santayana)

1.18

Deixou de insistir com ela. A percepção interior de Rute, quanto à vontade Deus, venceu todas as racionalizações de Noemi. Isso posto, estava superado o primeiro obstáculo para a concretização do plano de Deus, embora muitos outros ainda tivessem de ser vencidos. A tragédia haveria de ceder espaço para um Novo Dia. Mediante a fé, Rute tinha sido capaz de saltar por cima das barreiras que haviam sido postas à sua frente. Um propósito constante tinha removido a primeira barreira.

a Noemi e Rute Chegam a Judá (1.19-22)

1.19

Não é esta Noemi? Todos se surpreenderam ao ver Noemi de volta a Israel. A chegada dela fez a cidade inteira comentar, como se fossem um enxame de abelhas, o que é sugerido pela palavra onomatopéica que aparece no texto hebraico. Cf. I Sam. 4.5; I Reis 1.45; Miq. 2.12 quanto a outros usos dessa mesma palavra. O som da palavra hebraica é *hoom*, muito parecida com o vocábulo inglês *hum*, "zumbido". Essa palavra veio a ser empregada para indicar qualquer tipo de ruído, clamor ou agitação.

A viagem era de apenas oitenta quilômetros; mas era necessário vadear ou de outro modo atravessar os rios Arnom e Jordão. Os judaítas não tinham certeza se a mulher que viam era mesmo Noemi. Os anos e a viagem a tinham abatido, em suas forças e em sua aparência. As mulheres judias é que fizeram as observações registradas neste versículo, visto que, no original hebraico, o verbo é feminino, uma característica bastante rara nas linguagens. Sem dúvida, Belém era uma minúscula aldeia, pelo que todos conheciam Noemi. Aben Ezra observou que tanto Elimeleque quanto Noemi tinham sido cidadãos destacados de Belém; mas o próprio texto sagrado não diz isso, e o ponto é impossível de determinar.

1.20

Não me chameis Noemi. As mulheres tinham-na chamado de Noemi, mas ela objetou ao uso desse nome, que significa "agradável", "doce". De acordo com ela, Mara ("amarga") seria um nome mais apropriado. O "Deus Todo-poderoso", que age conforme Ele quer, e não favorece a ninguém, tinha-a tratado com tal aspereza que ela ficara amargurada, e não doce. Não é fácil enfrentar a morte, especialmente de um ente querido. E tinham sido as mortes do marido e de seus dois filhos que a tinham deixado psicologicamente exausta e amargurada. Ver os comentários de Rute 1.13 sobre como a teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, aumentando ainda mais a consternação de Noemi quanto a tudo quanto lhe havia acontecido. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Problema do Mal*. Repeti esse artigo no *Dicionário* da presente obra. Como podemos reconciliar um Deus que tudo sabe, que é Todo-poderoso, que é Todo-benévolo e que é onisciente com os males e sofrimentos que há no mundo e que tanto afligem os homens? Aquele artigo diz o que os eruditos pensam sobre esse problema.

Notemos que a idéia de "amargura" foi adicionada, ao ser repetida no verbo usado. Noemi estava amargurada; Deus tinha amargado a sua vida.

Shaddai é a palavra hebraica aqui usada, traduzida por "Todo-poderoso". Essa tradução começou a ser usada na Septuaginta, e tem sido empregada por muitas versões desde então. Todavia, a tradução "Todo-suficiente" seria muito mais apropriada. Deus, na qualidade de o Todo-suficiente, tinha tirado toda a suficiência de Noemi, deixando-o destituída. Quanto a detalhes sobre os nomes divinos, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. O Deus que dá todas as coisas em abundância também tira de nós todas as coisas. Não obstante, louvamos ao nome de Deus, visto que a vitória final é certa em El, o Todo-poderoso, cujas aplicações finais de graça e poder ultrapassam todos os retrocessos anteriores.

"Deus era considerado autor de todas as ações e de todos os eventos, tanto bons quanto maus (I Sam. 15.15). Naquele tempo não havia, na teologia dos hebreus, um Satanás para acusar, nem leis naturais sobre as quais lançar a culpa... A atitude de Noemi para com Deus flutuava, de acordo com a sua sorte

A VEREDA DA DEDICAÇÃO

Aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus.

Rute 1.16

O MATRIMÔNIO DE MENTES VERAZES

Que ao matrimônio de mentes verazes
Não admitia eu empecilhos.
Amor não é amor
Se se altera quando encontra alterações.
Ou se inclina para remover o removedor.
Oh não! Mas é um alvo sempre fixo,
Que encara tempestades e nunca se abala.
É a estrela de toda barca ao léu...

William Shakespeare

*** *** ***

O AMOR APERFEIÇOADO

O amor é a prova da espiritualidade

João 4.7

Não há nunca amor perfeito sem tortura e sem cuidado. Amar é ter Deus no peito, outra vez crucificado.

Augusto Gil

O amor concede em um momento o que o trabalho não poderia obter em uma era.

Goethe

Os estôicos definem o amor como a tentativa de formar uma amizade inspirada pela beleza.

Cícero

(cf. Rute 1.13,20,21; 2.20; ver também Jó 2.10" (James T. Cleland, *in loc.*). Ver igualmente Lam. 3.15,19.

1.21

Ditosa eu parti, porém o Senhor. Ela saíra uma mulher agradável, mas voltou amarga, por vontade do Todo-suficiente. Ela fora para Moabe ditosa, por causa das bênçãos divinas, mas El-Shaddai (vs. 20) fê-la voltar pobre.

O Senhor se manifestou contra mim. E então, incrivelmente, o poder divino *testificou contra ela*, como se ela estivesse sob julgamento, fosse encontrada culpada e merecesse todo o mau tratamento recebido. Algumas versões, como a Revised Standard Version, dizem que Deus "a afligira"; mas somos informados pelos eruditos do hebraico que a idéia de "testificar contra" é a única tradução possível do original. Cf. Núm. 35.30 e I Sam. 12.3, onde é usada a mesma construção gramatical. Ver um paralelo em Jó 19.6,21. O uso da teologia antiga dos hebreus, que era deficiente quanto a causas secundárias (ver as notas expositivas sobre isso nos versículos 13 e 20 deste capítulo), continuou influenciando as expressões de desespero de Noemi. Ela estava tratando com o Deus Todo-suficiente, rico em todas as coisas, que distribui a todos generosamente. No entanto, aconteceu algo e Ele cortou todo o suprimento de Noemi, e ela ficou desesperada.

1.22

Assim voltou Noemi. O autor agora sumaria o drama do capítulo, informando-nos, uma vez mais (ver o vs. 19) que Noemi voltou a Belém da Judéia, em companhia de Rute. Estas palavras são idênticas às de Rute 2.6; e alguns estudiosos supõem que a presença dessas palavras aqui represente uma inserção desajeitada, provavelmente feita por algum editor posterior. Ou então a adição, embora aparentemente supérflua, serve para enfatizar a triste volta, bem como o fato de que as duas mulheres, Noemi e Rute (que passa agora a ser a figura principal do drama), foram as duas personagens envolvidas.

O novo fato aqui oferecido é que o tempo era o da colheita da cevada, um detalhe importante no desdobramento do drama. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Colheita*.

A colheita da cevada começava no segundo dia da festa dos pães asmos, no dia dezesseis do mês de nisã, que corresponde a nossos meses de março-abril, quando os filhos de Israel ofereciam os molhos dos primeiros frutos ao Senhor, para então, mas nunca antes, começar sua colheita. Ver Lev. 23.10,14.

Por isso mesmo, dizem os Targuns: "Elas chegaram a Belém no começo do dia da páscoa, e naquele dia os filhos de Israel começaram a colher os molhos a serem movidos, ou seja, de cevada". O segundo capítulo oferece-nos o relato de que Rute ficou respigando o grão nos campos de Boaz, pelo que tanto a colheita da cevada quanto a respiga dos grãos armam o palco para o passo seguinte do drama.

"O mais antigo calendário da Palestina, encontrado em Gezer e pertencente a cerca de 1000 A. C., era de natureza agrícola. Esse calendário dividia o ano em: 1. plantar do cereal; 2. sachar o linho; 3. colher a cevada; 4. cuidar da vinha etc." (Louise P. Smith, *in loc.*).

"A colheita da cevada era a primeira do ano, e ordinariamente caía em torno do fim de abril. Ver Êxo. 9.31,32" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Dois

Encontro de Rute e Boaz (2.1-23)

Rute Começa a Colher (2.1-7)

Rute, em Israel, era agora uma convertida à fé dos hebreus (vs. 12), uma parte necessária do desdobramento do propósito divino que nela estava operando. Os moabitas eram excluídos da congregação de Israel (ver Deu. 23.3); mas a graça divina operou através do yahwismo, e assim a história de Rute se tornou possível. Neste ponto é apresentado Boaz, um abastado agricultor judaíta. Ver o artigo detalhado sobre ele, no *Dicionário*. Ele era aparentado de Noemi e do falecido marido dela, pelo que estava em posição de redimir Rute, casar-se com ela e gerar filhos que seriam considerados de seu parente, Elimeleque. Daí foi que surgiram tanto Davi, o rei, quanto o Rei dos Reis, o Messias, porquanto Rute entrou tanto na linhagem real quanto na linhagem divina.

2.1

Tinha Noemi um parente de seu marido. Convém fazer a exposição deste versículo falando sobre os fatos que ele contém:

1. Parente. No hebraico, *moda*. Uma palavra usada somente aqui, embora da mesma raiz que significa *irmã*, em Rute 3.2 e Pro. 7.4. A palavra hebraica relacionada, *meyudda*, uma possível vocalização da palavra usada neste texto, é um vocábulo de sentido muito amplo, podendo indicar qualquer tipo de parentesco, ou mesmo amizade íntima (ver II Reis 10.11; Sal. 31.11). No presente texto, entretanto, é requerido o sentido de *parente de sangue*, porquanto não poderia existir o tema central de todo o drama, a história da redenção.

2. O parente de Noemi era um homem *poderoso*, um abastado agricultor. A descrição utilizada pode referir-se a poder militar. Talvez Boaz tivesse a sua própria milícia, a fim de proteger seus bens. Desse modo, Boaz tinha a *capacidade de redimir*, e isso muito mais do que o necessário, o que o tornava um tipo de Cristo, o Redentor. Rute, por sua vez, é um tipo da Igreja, a redimida, cuja redenção resulta em abundância de bênçãos.

3. Boaz, o parente rico e poderoso, também era *honrado*, homem de boa reputação, generoso e sensível para com as necessidades alheias. O idioma hebraico posterior dava esse sentido de honroso ao adjetivo poderoso. Os Targuns dizem: "poderoso na lei", espiritualizando assim o texto; mas não é isso que as palavras significam. As tradições judaicas indicam que Boaz foi Ibzã, um dos juízes de Israel (ver Juí. 1.2.8), mas isso é extremamente fantasioso.

Alguns estudiosos pensam que o pai de Boaz era irmão de Elimeleque. E também outros estudiosos imaginam outros graus de parentesco; mas tudo não passa de conjectura. O artigo sobre Boaz fornece aquilo que pode ser dito sobre a sua linhagem. Ver Rute 4.18 ss.

2.2

Apanharei espigas. No hebraico, temos um verbo geral que indica "apanhar", "colher"; é usado para juntar pedras, em Gên. 31.46; ou dinheiro, em Gên. 47.14. Mas quando o termo é aplicado a grãos e frutos, então o verbo assume um sentido técnico de "respigar", uma atividade permitida aos pobres, cujo único sustento dependia dessa "lei da respiga". Ver Deu. 24.19-21 quanto ao primeiro incidente bíblico dessa lei. Quando da colheita, os colhedores deixavam propositadamente alguns grãos; e algumas frutas eram deixadas nas árvores frutíferas, com o propósito específico de permitir que os pobres viessem, terminada a colheita, a fim de respigarem o que fosse deixado. Indivíduos mesquinhos pouco deixavam para ser respigado pelos pobres, o que era contra a lei da generosidade que tinha inspirado a prática. Ver Isaías 17.5,6 quanto à queixa do profeta contra a mesquinharia. Rute, reduzida a uma abjeta pobreza, respigava a fim de poder sobreviver. O relato antecipa o grande resultado final desse ato ao referir-se a Boaz, o homem rico cujos grãos ela foi respigar. Com a passagem dos dias, Boaz prestaria atenção nela e a favoreceria.

... me favorecer. Alguns estudiosos pensam que essa idéia de faw3vorecimento estava ligada à noção de ter o bastante para comer. Os proprietários de terras que eram generosos deixavam nada menos que a quarta parte de seu grão plantado para uso dos pobres. Isso ia além das exigências da lei no tocante à prática, e constituía uma obra de caridade. Porém, parece que o favor que Rute estava esperando ia além da questão da respiga. Com sua capacidade de intuição, ela sabia que algum grande acontecimento estava prestes a ocorrer, e ela precisava estar no lugar certo e no tempo certo.

Noemi, que antes, por ignorância, tinha procurado impedir o propósito divino, ao desencorajar Rute de vir com ela a Belém da Judéia, agora cooperava plenamente, dando 'a nora o consentimento para respigar a cevada. Esse pequeno informe revela-nos que uma sogra exercia autoridade sobre uma nora mesmo depois da morte do marido. Ou então Rute estava somente sendo cortês, permitindo que a sua sogra exercesse certo controle sobre a sua vida.

Outra lição que podemos aproveitar deste versículo é que Rute, que antes tinha conhecido certa abastança material, agora, em sua carência, não se envergonhava de trabalhar para poder sobreviver. Ela não se manteve orgulhosa por ter sido antes uma pessoa abastada. Agora desempenhava, graciosamente, o seu novo papel de *dama pobre*.

2.3

Ela se foi. Este versículo é encorajador para todos quantos olham para Deus, esperando Dele suprimento e orientação. Rute teve a "boa sorte" de acabar respigando no campo de Boaz. A verdade, porém, é que esse detalhe, embora pequeno mas "necessário", foi arranjado pela providência de Deus. Nada acontece por mero acaso. Ela poderia ter entrado no campo de outro proprietário, que não fosse parente de Noemi, e que fosse um homem de mão fechada. Mas, embora pudesse, não o fez, porquanto em todo aquele incidente havia o propósito divino. O fato é que ela precisava ir respigar no campo de Boaz, e assim seguir ao longo do fluxo do poder divino. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! "Embora para ela possa ter parecido mera acaso, ou aquilo que algumas pessoas chamam de boa sorte, tudo sucedeu em harmonia com o propósito, a providência e a direção de Deus, que ela tenha ido trabalhar após os colhedores naquela parte do campo que pertencia a Boaz, um parente próximo de seu falecido sogro" (John Gill, *in loc.*).

Shaddai. O Deus Todo-suficiente, que dá generosamente a todos, estava assim começando a fazer reverter as circunstâncias adversas que tinham reduzido Noemi a Rute a quase nada. Ver o vs. 20 quanto a notas sobre esse nome divino.

De conformidade com uma estrita teologia da época, que era deficiente quanto a causas secundárias (ver os versículos 13 e 20 deste capítulo), "por casualidade" era a mesma coisa que "providencialmente".

2.4,5

De quem é esta moça? O poder divino tinha arranjado o passo seguinte. Como é óbvio, Boaz precisava encontrar-se com Rute. E quando ele veio inspecionar como estava indo a colheita, acabou ficando impressionado pela bela jovem que respigar grãos em sua propriedade. Por certo ela não se parecia com alguma pobre mulher que tinha doze crianças para alimentar, envelhecida prematuramente, já ficando corcunda, com um olhar de desamparo no rosto. De fato, ela parecia estar gostando de estar respigando o grão, mais parecendo com uma dona de casa que de nada precisava e exercia autoridade sobre os colhedores, em lugar de esperar pela misericórdia ajudadora deles. Houve saudações formais entre Boaz e seus trabalhadores ("Yahweh seja convosco!"). Mas os olhos de Boaz acabaram fixando-se em Rute. Ela era uma jovem de ótima aparência e parecia inteiramente deslocada. O que ela estaria fazendo ali, a respigar? E quem seria ela. Boaz, que quase não podia acreditar no que seus olhos lhe mostravam, imediatamente buscou informações sobre ela. O oitavo versículo mostra que ele fez arranjos imediatos para não perder a jovem. Ele queria continuar de olho nela, vendo o que sucederia em toda aquela questão curiosa.

2.6,7

Esta é a moça moabita. Assim respondeu o capataz dos colhedores, que vinha vigiando para que fizessem um trabalho a contento. Ele também tinha prestado atenção em Rute. Chegara mesmo a fazer-lhe perguntas e estava bem informado sobre ela; assim foi capaz de dizer a Boaz o que ele queria saber. E Boaz ficou sabendo que ela era uma jovem moabita (isso era ruim!), mas também que era nora de Noemi (isso era bom!). Porém bastou um olhar de Boaz em Rute para ele compreender que, naquela situação, havia mais pontos positivos do que negativos. Como estrangeira, ela não tinha o direito de respigar; mas ela havia pedido ao capataz, sem dúvida apelando para sua relação com Noemi, como reforço.

Alguns estudiosos pensam que o versículo sétimo pertence ao versículo oitavo, fazendo com que as palavras ditas a Boaz tenham sido ditas por Rute. Mas o mais provável é que o sétimo versículo mostra que o capataz continuava falando, agora transmitindo a Boaz o que Rute havia dito a ele, capataz. Podemos imaginar que o capataz tenha perguntado: "Jovem, você não tem o direito de respigar aqui. Uma pessoa estrangeira não tem esse privilégio". Mas ela deve ter respondido: "Sou nora de Noemi". E essa informação lhe dera esse direito porque, afinal, o que ela respigasse iria para Noemi.

Na choça. Não na casa onde agora Noemi estava residindo, mas na palhoça que havia no campo. Rute não ia e voltava até a casa de Noemi, mas mantinha-se ocupada no seu mister de respigar, tendo começado cedo e continuando ali até tarde. Ela estava guardando um bom suprimento de grãos, e nisso demonstrava extraordinária diligência. A Septuaginta e a Vulgata adicionam que Rute "não havia tomado nenhum descanso", mas isso já é um exagero. Ocasionalmente ela ia até a choça, a fim de descansar e refrescar-se, devido ao sol escaldante. Os Targuns dizem que ela começou "antes do amanhecer", outro toque para enfatizar a diligência de Rute. Seja como for, essa diligência tinha chamado a atenção de todos, impressionando assim tanto o capataz dos colhedores quanto o próprio Boaz.

Bondade de Boaz para com Rute (2.8-16)

2.8

Então disse Boaz a Rute. O sexto sentido de Boaz segredou-lhe que a presença de Rute definitivamente representava alguma vantagem, embora ele ainda não soubesse dizer de que modo. Assim sendo, falou diretamente com ela, encorajando-a a continuar trabalhando em seu campo. É curioso que, nos sonhos e nas visões, o ato de cultivar um campo simboliza engravidar uma mulher. Mas era exatamente isso que começava a ser promovido, sem importar se Boaz tivesse ou não consciência. Haveria uma colheita maior do que a da cevada. Haveria tanto Davi, o rei, como também, muitas gerações mais tarde, o Rei Messias, daquela união entre Boaz e Rute. E esse era precisamente o propósito de Deus, que operava enquanto os olhos de Boaz acompanhavam Rute, que respigava pelo campo.

Um Toque de Ternura. Boaz dirigiu-se a Rute como sua "filha". Ele tinha intenções bondosas. Os dias de privação pelos quais ela tinha passado haviam terminado. O amor estava começando a fluir como as águas do rio Amazonas. O trecho de Rute 3.10,11 mostra-nos que Boaz era um homem já idoso, e Rute, provavelmente, era da idade que uma filha dele poderia ter. E Boaz recomendou que ela não fosse procurar trabalho em outro campo, mas ficasse em companhia das servas de Boaz (talvez não quisesse que ela ficasse andando entre os homens). O texto sagrado em Rute 3.10,11 também dá a entender que ela era suficientemente graciosa e bela para obter sucesso entre os homens mais jovens.

As minhas servas. Sem dúvida não estavam em foco outras mulheres pobres que, como Rute, estivessem respigando o grão. Mas as mulheres que trabalhavam na colheita, que estavam sendo contratadas para ajudar nesse trabalho. Os registros históricos antigos mostram que mulheres, e não somente homens, eram usadas nessa tarefa.

2.9

Não dei ordem aos servos, que te não toquem? Todo este versículo é revelador. Nos campos podia e realmente havia casos de violação de mulheres. Cf. o vs. 22. Mulheres achavam-se ali, pelo que homens podiam tirar proveito delas. Para impedir qualquer incidente desagradável, Boaz ordenou a Rute que sempre estivesse por perto das outras mulheres que trabalhavam como colhedoras. Na companhia delas, haveria segurança. Ademais, ele tinha dado ordens diretas aos trabalhadores masculinos que "deixassem Rute em paz". Nenhum homem arriscar-se-ia a perder seu trabalho ou, ainda pior, a desobedecer às ordens de Boaz. Rute era uma estrangeira, estava sozinha e, acima de tudo, estava desprotegida. Parte da providência de Deus consistia em fazer Boaz prover a segurança dela. A Rute foi dado fácil e pronto acesso à água potável, e os jovens receberam ordens para que não faltasse água para todos os trabalhadores, e agora, especialmente, para ela. Muito trabalho estava envolvido nessa tarefa de tirar água e levar para os campos. Havia jovens empregados nesse trabalho. Algum trabalhador preconceituoso talvez não permitisse que um "estrangeiro" participasse do líquido precioso, a menos que recebesse ordens específicas para mostrar-se generoso.

Vemos, por conseguinte, que Boaz proveu o necessário para Rute, além daquilo que a lei requeria. O versículo 16 deste capítulo salienta esse fato.

2.10,11

Então ela, inclinando-se, rosto em terra, lhe disse. Tornara-se largamente conhecida a história inteira dos atos heróicos de Rute, no tocante a Noemi — como ela não tinha abandonado sua sogra, garantindo provisão e proteção. Naturalmente, Boaz estava profundamente impressionado diante de tudo. O ato de humildade de Rute, caindo de rosto aos seus pés, serviu como mais uma demonstração de sua bondade e feminilidade inerente. Rute, a estrangeira, estava tornando-se rapidamente Rute, a princesa, e ela sentia a graça de Deus fluindo nela e através dela. A Rute tinha sido dado tudo ela recebera, porque primeiramente ela dera de si mesma a outrem. Dar e receber constituem a lei espiritual do amor. Quando damos o que há de melhor em nós, recebemos o que há de melhor. Deus é o grande Doador e, se Ele deixasse de dar-Se para nós, findaria toda a questão da existência, porque a própria vida é criada e impulsionada pelo amor de Deus.

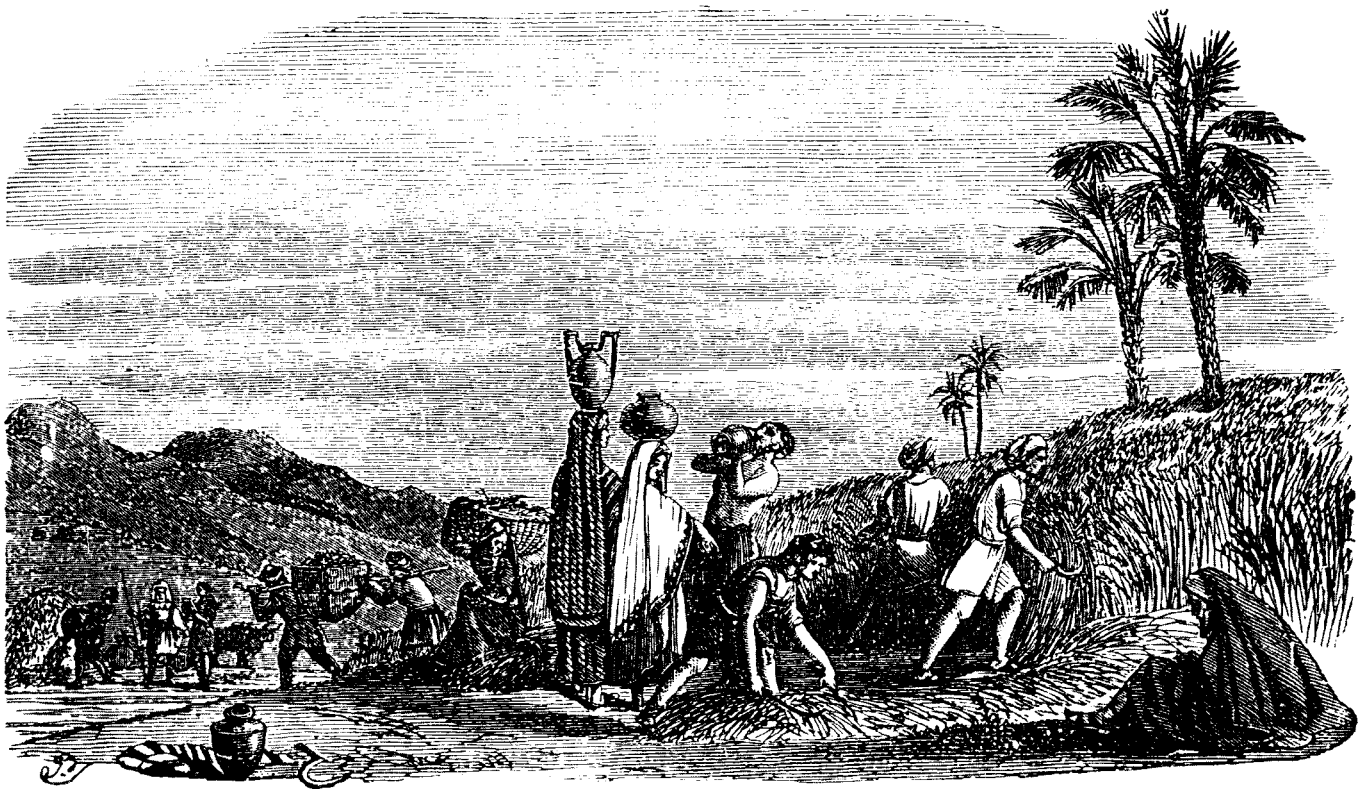
Prostrar-se ou inclinar-se diante de alguém superior era um costume comum naquela época, no Oriente Próximo. Ver Gên. 19.1; 42.6; 43.26; 48.12; Jos. 5.14; II Sam. 1.2. "Ela tinha sido recebedora da graça e mostrava-se agradecida por isso" (John W. Reed, *in loc.*).

Lembrando Abraão. A última porção do vs. 11 faz-nos lembrar como Abraão tinha deixado sua terra e seus familiares a fim de tornar-se um estrangeiro em outra terra. No entanto, essa terra tornou-se a Terra Prometida, bem como o território pátrio de Israel. Ver Gên. 12.1. Rute, pois, haveria de contribuir para a Terra Prometida e entrar na linhagem do Messias.

2.12,13

O Senhor retribua o teu feito. Rute era diferente das trabalhadoras estrangeiras contratadas para trabalhar nos campos. Muitos desprezavam aquelas mulheres, que vinham de um povo proibido de entrar na congregação do Senhor (ver Deu. 23.3). Antes, ela era a própria pessoa favorecida. Podemos imaginar várias causas da beleza física de Rute, embora nunca sejamos informados que ela era excepcionalmente bela. Ela era diligente no trabalho e também foi generosa com sua sogra; e essas foram as características que se tornaram largamente conhecidas. Porém, acima de todas as considerações meramente humanas, havia o propósito divino em operação, algo muito maior do que Rute e Boaz.

O vs. 12 deixa claro que o poder divino tinha estabelecido certas diferenças. Yahweh Elohim era essa força diferenciadora, em Quem Rute tinha chegado a confiar, pois talvez se tivesse tornado uma prosélita. Ela tinha praticado boas obras, ao passo que Yahweh a estava recompensando, e essa recompensa consistia no tratamento diferenciado que Boaz lhe dispensava.



A COLHEITA Smith's Bible Dictionary

Estarás atenta ao campo que segarem, e irás após elas. Não dei ordem aos servos, que te não toquem? Quando tiverdes sede, vai às vasilhas, e bebe do que os servos tiraram. Então ela, inclinando-se, rosto em terra, lhe disse: como é que me favoreces e fazes caso de mim, sendo eu estrangeira?

Rute 2. 9-10

Sob cujas asas vieste buscar refúgio. Podemos pensar aqui nas asas de um pássaro, ou, *metaforicamente, em uma capa ou veste*. A primeira idéia nessa metáfora é: 1. proteção, porque é bem conhecido como uma ave-mãe, pelo menos no caso de algumas espécies, protege seus filhotes, tomando-os debaixo de suas asas. 2. Além disso, temos a idéia de identificação na família, pois a ave-mãe recolhe os filhotes debaixo de suas asas. Rute tinha-se tornado parte da família de Israel. 3. Igualmente, temos o poder e a capacidade de alguém que recolhe. A ave-mãe é maior que a avezinha recém-nascida, e é capaz de cumprir a sua missão. 4. E, finalmente, há uma atividade remidora nessa metáfora. Dentro de poucos dias ele redimiria formalmente a Rute, e o tratamento diferenciado que ele lhe estava dando se encaminhava na direção desse ato maior.

Cf. o versículo 12 com Mateus 23.37. Ver também Sal. 17.8; 36.7; 57.1 e Êxo. 25.20, quanto a declarações similares.

O versículo 12 é uma declaração da lei da semeadura e da colheita. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

2.14

À hora de comer Boaz lhe disse. A história apresenta um interesse cada vez mais intenso de Boaz por Rute. A hora era a refeição do meio-dia, no campo a ser colhido, e não uma refeição formal em uma casa. "O vinho azedo, os grãos tosados (grãos maduros tostados sobre uma pequena fogueira, esfregados para perder a casca e comidos imediatamente" (Louise P. Smith, *in loc.*). Boaz ofereceu a sua própria refeição à respigadora, e Rute era a convidada especial. Todos os olhos devem ter estado fixados nela, e rumores e maledicências já se estavam espalhando. "Boaz está favorecendo essa moabita. Até onde irá essa questão?"

Molha no vinho o teu bocado. Esse vinho era levemente azedado, e tinha adquirido certo teor alcoólico. A fermentação natural só é capaz de dar ao vinho um conteúdo de oito por cento. Se houvesse mais álcool do que isso, é que teria sido adicionado. Ver no *Dicionário* o artigo *Vinho, Vinha*. Os hebreus eram um povo que gostava de vinho, danças e canções, e de nada adianta tentar transformá-los em cristãos totalmente abstêmios. Os estudos modernos demonstram duas coisas: o vinho, usado com moderação, aumenta a expectativa de anos de vida, talvez porque o vinho atue como um suave tranqüilizante, e também porque diminui um pouco a taxa de colesterol. Por outra parte, qualquer quantidade de álcool que flua livremente pela corrente sangüínea mata algumas células do cérebro. Assim sendo, o uso moderado de vinho talvez faça você viver um pouco mais; mas você irá gradualmente perder a sua acuidade mental com a passagem dos anos, em taxa mais elevada do que a causada pelo envelhecimento natural. A palavra-chave dessa situação é moderação. Quanto a mim, prefiro a completa abstenção. A moderação não é uma escolha pecaminosa, mas uma preferência que abre o caminho para todos os excessos associados ao alcoolismo. É melhor viver um pouco menos do que cair em excessos crassos. A liberdade cristã aplica-se aqui, e juntamente com ela vem a responsabilidade de não ofendermos a nossos semelhantes com nossos atos.

Quanto a outras referências ao vinho azedo, fermentado, ver Pro. 10.26. Aqueles que tivessem feito o voto de nazireado não podiam tocar em nenhum tipo de vinho (ver Núm. 6.3). Ver Mateus 27.48 quanto a vinho misturado com água. Usualmente, os antigos misturavam vinho com água, e isso, naturalmente, criava um menor conteúdo alcoólico.

O vinho era usado como substância na qual o pão era ensopado. Todavia, ao vinho eram adicionadas certos elementos. Talvez algum azeite fosse posto no vinho. Havia diversas misturas; mas o vinho e a água eram os ingredientes principais. Os romanos também tinham uma embamma, uma espécie de molho preparado com vinho e água como principais ingredientes. Vinho com pedacinhos de frutas é uma mistura usada no Oriente, hoje em dia. Plínio (*Hist. Natural* 1.23. cap. 1) atribuía toda espécie de benefício ao uso do vinho e de molhos com vinho.

2.15,16

Levantando-se ela, para rebuscar. Terminado o almoço, Boaz baixou ordens para que a Rute fosse dado um tratamento especial; ninguém deveria dizer uma única palavra dura para ela; ninguém podia aproximar-se dela com intenções sexuais. Ela deveria ser ajudada em tudo quanto fizesse. Ela se tornara uma princesa no campo, e em breve estaria comendo à mesa do proprietário das plantações. Outrossim, aos trabalhadores foi ordenado que deliberadamente deixassem grãos escolhidos para ela respigar, e isso já caído no chão. Certo livro foi intitulado *Handfuls on Purpose*, uma espécie de comentário sobre estudos de palavras. Fala sobre "coisas escolhidas extraídas das Escrituras, respigadas do todo". Cf. o vs. 9, onde dei comentários sobre o tratamento especial dado a Rute. Os *handfuls of purpose* ("punhados de propósito") permitiram que Rute respigasse com maior rapidez. Essa palavra, "punhados" (usada somente aqui), aparentemente significa molhos de grãos que ainda não haviam sido atados. Tudo quanto Rute precisava fazer era atê-los. Nenhuma lei requeria que um proprietário de campo plantado agisse desse modo. Boaz, em seu amor crescente, estava disposto a ultrapassar a lei que governava a questão da respiga. O amor sempre vai além da lei, e isso nos transfere para a lei do amor, que é superior à lei de Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*.

Rute Volta a Noemi (2.17-23)

2.17

Quase um efa de cevada. O trabalho de um dia chegava a cerca de um efa de cevada, que dava cerca de vinte e oito litros de cevada, já separada de sua palha. Com isso, era possível fazer grande quantidade de pães, que serviam de produto alimentar principal. John Gill calculou que o trabalho de Noemi, durante um dia, garantiria um suprimento alimentar para Rute e Noemi pelo espaço de cinco dias. O *ômer* (uma décima parte de um efa) aparece como suficiente para alimentar a um homem pelo período de um dia (ver Êxo. 16.16,36). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Efa (Medida)*, quanto a detalhes. Um efa pesava cerca de treze quilogramas e meio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas*. Devemos compreender que essa era uma grande quantidade de cevada para ser respigada em um único dia de esforço. Trabalhar somente um dia de semana para o próprio sustento básico era um bom trabalho. E um pouco de "ludíbrio generoso" (por ordem de Boaz) proveu tão bom resultado.

2.18

Tirou e deu a sua sogra. Noemi recebeu um generoso presente, certamente mais do que poderia esperar por um dia de trabalho de sua nora. Essa circunstância provocou uma série de indagações para que fosse explicado o pequeno milagre. As duas comeram bem e também conversaram muito. De súbito, as coisas tinham dado uma guinada para melhor. Shaddai, o Deus Todo-suficiente, que antes parecia tê-las abandonado (os três homens da família haviam morrido; ver Rute 1.3-5), agora sorria para elas.

"A volta de Rute à casa onde estava Noemi terminou o vazio que esta sentia, enchendo a idosa mulher com expectativa, senso de agradecimento e esperança" (John W. Reed, *in loc.*).

"O espírito de Noemi reviveu diante do sucesso de Rute; e ela bendisse a Boaz (vs. 19) e ao Senhor (vs. 20)" (James T. Cleland). Uma de minhas fontes informativas critica Noemi por "andar pela vista, e não pela fé". Por outro lado, todos nós, ocasionalmente, precisamos de ver a reversão da sorte, para que haja abundância, de tal modo que nossa fé possa ser fortalecida. A doutrina que diz que "ser pobre é melhor" é, de fato, uma doutrina pobre. Sempre é melhor ter em abundância do que ter pouco; e sempre haverá maiores louvores a Deus quando essa condição prevalecer.

> *... tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.*
>
> (II Coríntios 9.8)

Muitas boas obras dependem de um pouco de dinheiro, sem o que elas não poderiam realizar-se. Precisamos de *abundância* a fim de podermos *abundar* em boas obras. Se dispuséssemos de grande abundância, poderíamos abundar grandemente. Um homem espiritual não precisa preocupar-se com a tentação do auto-enriquecimento, pois ele espalhará esse dinheiro em redor, para aqueles que tenham necessidade. Então sempre haverá algum outro projeto que precisará de ainda mais dinheiro.

2.19,20

Onde colheste hoje? Admirada diante da prodigiosa quantidade de grão respigado, Noemi quis saber de Rute o "onde" e o "quem". Tão grande quantidade de grão não podia ser explicada por circunstâncias normais. A resposta foi "o campo de Boaz" e o próprio "Boaz". Todas as bênçãos giravam em torno de Boaz. Por "coincidência", o homem, Boaz, era também parente próximo de Noemi (ver o vs. 20). Todas as coisas estavam contribuindo juntamente para o bem (ver Romanos 8.28), e muito mais bênção ainda viria. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

O Benfeitor é Abençoado. Boaz não estava presente para ouvir Noemi; mas a generosidade dele foi louvada. Ele tinha-se tornado o homem de Yahweh para ajudar a seus semelhantes necessitados. Deus, o *El Shaddai*, o Todo-suficiente, estava distribuindo suas riquezas para os outros, e havia assim abundância para todos. A medida de um homem é a sua *generosidade*, que é apenas outro nome para o amor. A grande lei universal que contém em si mesma todas as leis é a Lei do Amor. O amor é a própria prova do novo nascimento e da espiritualidade (ver I João 4.7). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*. Ver também Rom. 13.8 ss.

> *O amor altera e enobrece as coisas.*
>
> (Robert Browning)

O amor concede em um momento
O que o trabalho não poderia obter em uma era.

(Goethe)

Se queres ser amado, ama.

(Hecato)

Benevolência. A mesma palavra usada em Rute 1.8, onde se encontram comentários.

Nem para com os mortos. Aos três homens que tinham morrido (ver Rute 1.3-5) Yahweh, através de Boaz, Seu instrumento, havia demonstrado bondade, pois os três, olhando "lá do alto", poderiam observar o que o bondoso Boaz estava fazendo às mulheres que eles tinham deixado para três, aprovariam e se alegrariam. Naturalmente, Noemi já tinha em mente a aplicação da *lei do levirato* (ver a respeito no *Dicionário*). Alguns estudiosos têm rebelado diante da idéia que os "mortos" ficaram literalmente satisfeitos pelo rumo dos acontecimentos, supondo que seriam abençoados vicariamente nos filhos que Rute daria a Boaz. Esse é um sentido aceitável, e provavelmente mais em consonância com a teologia da época. Herdeiros, pois, seriam gerados, embora os nomes dos homens mortos não continuassem, mas pelo menos haveria herdeiros na família.

Nosso parente chegado. No hebraico, "parente" é goel. Provi um artigo sobre essa palavra no *Dicionário*.

Resgatadores. Boaz era o parente-remidor, aquele que podia cumprir os requisitos da lei do levirato e gerar filhos em nome do ex-marido de Rute, e assim dar prosseguimento à linhagem e à herança da família.

Boaz era parente próximo do falecido marido de Noemi. Ver Rute 2.1 quanto a especulações sobre o grau de parentesco entre eles.

"Embora Boaz não fosse irmão de Malom, o falecido marido de Rute (ver Rute 4.10), mas apenas um parente chegado da família, ele podia agir como um levir (no latim, cunhado), se assim desejasse... Nenhuma explicação é dada acerca de por que Noemi não mencionou o parente ainda mais próximo, referido em Rute 3.12" (John W. Reed, *in loc.*).

2.21

Continuou Rute. Rute não deixou de mencionar todos os vários atos de bondade da parte de Boaz. Entre esses atos estava a proteção oferecida. Ela deveria acompanhar as próprias servas de Boaz, não devendo envolver-se em situações potencialmente perigosas, se acompanhasse servos varões que estivessem trabalhando nas plantações de algum outro proprietário. Acompanhar as servas de Boaz também era benéfico, pois podemos estar certos de que seriam deixados para três "molhos não atados", de propósito, o que significa que Rute tanto estaria em segurança como mostrar-se-ia especialmente produtiva. Cf. os vss. 8,16 e 23.

O oitavo versículo deste capítulo mostra que Rute deveria permanecer entre as servas de Boaz. Entre os servos também havia homens. Mas estes já haviam recebido ordens estritas para que se comportassem como perfeitos cavalheiros, e nenhum dos trabalhadores haveria de agir de modo contrário a essa recomendação do proprietário.

2.22

Para que noutro campo não te molestem. Este versículo é paralelo aos versículos oitavo e nono. Provavelmente, Rute trabalharia a maior parte do tempo com outras mulheres, e não seria ameaçada em nenhum sentido por trabalhadores homens, se fossem empregados de Boaz. Todavia, haveria o perigo de abuso, e mesmo de violência sexual, se Rute ficasse a vaguear pelos campos de outros proprietários. Devemos lembrar que a moralidade andava muito baixa nos dias dos juízes, e que eram muito comuns, nos campos, os estupros. Noemi, é claro, ansiava por que tais coisas fossem evitadas, e recomendou que Rute acompanhasse sempre os trabalhadores de Boaz. As mulheres, algumas vezes, são ingênuas. Por isso, houve dois tipos de advertência para Rute.

No original hebraico, temos um eufemismo que diz "caiam em cima" (no hebr., *paga*). Poderia haver alguma experiência hostil e imoral no campo. A Revised Standard Version, seguida de perto pela nossa versão portuguesa, diz aqui "molestar", sentido que sem dúvida é apropriado. Nos campos plantados havia vários perigos ocultos; homens inescrupulosos esperavam oportunidades dadas por mulheres ingênuas. Rute, pois, foi aconselhada a mostrar-se prudente e a seguir as recomendações que lhe haviam sido dadas.

2.23

Assim passou ela à companhia das servas de Boaz. Rute atendeu aos conselhos que lhe tinham sido dados tanto por Boaz quanto por Noemi, e começou a respigar somente na companhia das servas de Boaz. E assim continuou fazendo até terminar a colheita da cevada e do trigo. A colheita do trigo ocorria no início da festa de Pentecoste, e a colheita da cevada começava no início da páscoa, pelo que cerca de dois meses separava uma colheita da outra. Entrementes, Rute continuou a viver com Noemi. Assim sendo, ela tinha um lugar onde ficar, alimentação abundante e um relacionamento romântico que começara a desenvolver-se com Boaz. E esse último desenvolvimento haveria de resolver, definitivamente, todos os problemas delas, revertendo a tragédia que tão profundamente havia marcado a vida dela.

Mas a pergunta que continuava sem resposta era: O que aconteceria terminado o período da colheita?

Capítulo 3

Rute e Boaz na Eira (3.1-18)

Instruções de Noemi a Rute (3.1-5)

3.1

Não hei de eu buscar-te um lar...? Não há que duvidar que, com essas palavras, Noemi estava pensando em um novo casamento para Noemi. Era ótimo ter um lugar para habitar, e um bom suprimento de alimentos, mediante o ato da respiga; mas essa não era a espécie de condição de vida que alguém quisesse, indefinidamente, para si mesma. Isso posto, Noemi estava planejando como fazer a vida de Rute melhorar de uma vez. Em outras palavras, ela estava pensando em conseguir para ela um casamento. Usualmente, os casamentos eram arranjados, na antiguidade, pelos pais (ver Gên. 24.3; 34.4; Juí. 14.2); mas visto que os pais de Rute estavam a oitenta quilômetros de distância, em Moabe, Noemi assumiu essa tarefa.

As Mulheres Valorizam Demais o Casamento. Contudo, é melhor o estado de casadas, para as mulheres, do que viverem solteiras. Alguém já disse: "É melhor viver solteira do que desejar ser solteira". Mas melhor ainda é uma mulher ter um bom marido. Conseguir um bom marido traria descanso para a vida de Rute, conforme comentei na questão sobre o "lar", na vida de Rute, acima. Sem dúvida, um bom casamento para Rute significaria, automaticamente, uma situação melhor para Noemi, o que quer dizer que, a exemplo do que acontece com a maioria das pessoas, Noemi estava buscando, um tanto egoisticamente, seus próprios interesses, e não meramente os interesses de Rute. Mas não há nisso nada de errado, contanto que não seja a única motivação para o que fazemos em favor dos outros. O próprio "eu" é uma pessoa, e devemos amar a nós mesmos. E devemos amar ao próximo como a nós mesmos. O indivíduo deve respeitar e ajudar a si mesmo, visto que essa é a pessoa pela qual somos responsáveis, para que também nossas respectivas missões sejam devidamente cumpridas.

Ora, o mais certo é que Noemi fosse tanto pró-Rute quanto pró-Noemi. Existem *bons* motivos, *verdadeiros* motivos e motivos *ulteriores*. No caso em foco, o bom motivo era um lar e um marido para Rute. O motivo verdadeiro era, provavelmente, mais segurança e uma vida melhor para Noemi. Mas parece que o incidente estava livre de motivos ulteriores, ou seja, motivos enganadores e prejudiciais.

Além disso, não devemos esquecer-nos do motivo que envolvia os "mortos", no caso, o falecido marido de Rute. Rute seria o instrumento que proveria um herdeiro da família, por meio da *lei do levirato* (ver a respeito no *Dicionário*).

No antigo Israel, era extremamente importante a unidade e a continuidade das famílias. As heranças passavam através das linhagens e não podiam ser vendidas para outrem. Se não houvesse herdeiros masculinos, uma herança podia passar para filhas, contanto que se casassem dentro de sua própria tribo. Isso posto, elas tinham de casar-se dentro da tribo na qual tinham nascido. No caso de Rute, entretanto, não havia herdeiro algum, nem masculino nem feminino. Ver Núm. 27.8; 36.6 ss.; Tobias 6.12; 7.13 quanto à herança das filhas. Uma herança, porém, acabava sendo perdida, se nenhum herdeiro fosse encontrado.

3.2

Ora, pois, não é Boaz...? Uma mulher, sob nenhuma circunstância, se não fosse esposa ou concubina, teria coragem de entrar no lugar onde um homem costumava dormir para deitar-se aos seus pés. Contudo, esse foi o plano ousado de Noemi. Ela não queria arriscar-se a esperar o curso natural dos eventos. É bem provável que já houvessem passado três meses desde que Rute e Boaz se tinham conhecido. Desenvolvera-se uma forte amizade (mas dificilmente um romance). Noemi tinha ficado alegre com a amizade entre os dois, mas isso não era suficiente. A colheita do trigo em breve terminaria. E o que aconteceria em seguida? O peixe grande poderia escapar; e Noemi precisava agir rapidamente. Por isso mesmo, ela quebrou todas as regras da etiqueta e até daquilo que era considerado apropriado.

Usualmente, as mães mostram-se boas planejadoras no que diz respeito aos arranjos do casamento de suas filhas. Dessa vez, uma sogra é que teve de ser a esquematizadora. Não obstante, apesar de todo o planejamento um tanto duvidoso de Noemi, a vontade de Deus estava cumprindo um plano superior. O rei Davi estava esperando por sua bisavó; e o Rei Messias estava esperando que surgisse mais um elo de Sua linhagem humana.

Esta noite. Rute precisava agir com presteza. Os Targuns acrescentam aqui as palavras "quando o vento soprar". O ato de padejar o grão requeria a força constante do vento que soprava da banda do mar Mediterrâneo, a fim de espalhar a palha para longe, quando os grãos fossem jogados para cima. Usualmente esse vento soprava desde às cinco da tarde até o pôr-do-sol. Em seguida, o grão, livre assim da palha, precisava ser guardado, para que não fosse furtado. Boaz, sem dúvida, estaria presente para orientar esses atos, e ficaria por perto, cuidando do cereal. Assim sendo, Noemi saberia onde poderia encontrá-lo.

Ellicott (*in loc.*), apesar de ter taxado o plano de peculiar, procurou justificar a sua impropriedade, salientando que Boaz, como parente chegado, tinha o dever de redimir Rute. Mas isso equivale a dizer que "qualquer coisa é v lida quando se tem em mira um bom propósito". Ademais, havia um parente ainda mais chegado do que Boaz. Por qual motivo Noemi não procurou esse outro parente? Provavelmente porque Boaz era um peixe maior e melhor. Ver o trecho de Rute 3.12 quanto a esse parente ainda mais chegado. Ellicott (*in loc.*), em seus comentários, como que disse, em sumário: "Oh, bem! Boaz era um homem bom. E não tiraria vantagem da bela Rute, deitada ali, aos seus pés". Mas nós retorquimos: "E daí? Dificilmente era justo tentá-lo daquele jeito, por qualquer razão que fosse!". Outros estudiosos, porém, por pensarem que tudo não passou de uma obra de ficção, crêem que um pouco de intriga estranha apenas aumentaria o drama, pelo que ninguém deveria ser criticado por isso! Uma de minhas fontes informativas tem mesmo a coragem de comentar: "Talvez toda a cena tenha ocorrido *no escuro*, pelo que Boaz teve a oportunidade de rejeitar *a proposta* sem que toda a cidade ficasse sabendo do acontecido" (John W. Reed, *in loc.*). Esse autor, provavelmente, está com a razão, ao dizer que o papel desempenhado por Rute era, na verdade, uma proposta de união sexual. Mas visto que tudo ocorreu *no escuro*, tudo estaria bem se Boaz rejeitasse a proposta; pois assim ninguém chegaria a saber o que tinha acontecido. É ridículo tentar fazer a moral da história chegar ao nível da típica moralidade cristã. Na realidade, tudo aconteceu "lá no campo", onde qualquer coisa poderia acontecer. E a moralidade era a moralidade própria do "tempo da colheita".

3.3

Banha-te, unge-te, e põe os teus melhores vestidos. Limpa, perfumada e vestida em sua melhor camisola de dormir, conforme Noemi pensava, nenhum homem do mundo seria capaz de oferecer resistência. Os preparativos pelos quais Rute passou eram os mesmos de uma noiva para a sua noite de desposórios. Rute passaria por tudo, sem a formalidade de um documento oficial. Cf. isso com os trechos de Ezequiel 16.9-12 e Oséias 2.13.

"A colheita, ao redor do mundo inteiro, tinha sido celebrada em meio a ritos de fertilidade, pelo que certas liberdades, não permitidas em nenhuma outra época do ano, agora eram permitidas. Cf. Juí. 9.27; 16.1; 21.21 e Isa. 9.3" (Louise P. Smith, *in loc.*).

A parte final deste versículo quase certamente significa que Boaz, em consonância com o espírito festivo da colheita, deve ter bebido bastante vinho, estando assim mais inclinado para o sexo.

3.4,5

Quando ele repousar. Ali estava a jovem Rute, tão bela, tão fragrante, em sua camisola de dormir, levando a efeito o plano ousado de Noemi. Observando continuamente a Boaz, ela saberia onde ele se deitaria para descansar. Ele estava longe de casa. Talvez fosse casado; mas, mediante a poligamia, poderia cumprir seus deveres como o goel, o parente-remidor. Ela haveria de *atacá-lo* ali. Ele estava sozinho, e talvez sexualmente carente, por estar longe de casa. Seria fácil. Se tivessem contato sexual, seria exercida pressão sobre ele para *casar-se* com ela, na esperança de que, daí por diante, fossem felizes! É verdade que ele poderia rejeitar Rute, chutando-a para fora; mas isso não seria provável. Antes, tudo seria fácil e rápido. Noemi estava cansada de "mera amizade".

E lhe descobrirás os pés. Boaz haveria de sentir que seus pés estavam descobertos, sob a brisa fresca que soprava desde o Mediterrâneo e lhe esfriava os pés. Talvez meio embriagado (vs. 7), haveria de investigar por que seus pés estavam frios, e eis! uma bela mulher estaria ali, em substituição ao seu cobertor! A natureza se encarregaria do resto, e o casamento seria consumado.

Adam Clarke tem um curioso comentário neste ponto: "Alguns dizem que as mulheres orientais, ao deitarem-se com seus maridos legítimos, por uma questão de modéstia e como sinal de sujeição, vão até os pés da cama, erguem gentilmente as cobertas e escorregam por debaixo delas, ocupando um lugar ao lado do homem". Nesse caso, isso de "descobrir os pés" é um eufemismo para "escorregar para debaixo das cobertas, de baixo para cima, até ocupar uma posição ao lado do homem". Dizendo a mesma coisa em termos mais modernos: "Rute deitar-se-ia com Boaz".

Ele te dirá o que deves fazer. Mui provavelmente, isso significa: "Tendo-te deitado ao lado dele, oferecendo-lhe uma proposta de natureza sexual, esperarás seu convite direto para praticares o sexo; e assim o plano será bem-sucedido". Mas há também eruditos que supõem que essas palavras, "ele te dirá o que deves fazer", teriam que ver com instruções dele atinentes ao casamento levirato; mas isso, apesar de mitigar a forte conotação sexual, provavelmente não é a opinião mais acertada. Os Targuns tolamente dizem que ela deveria "pedir os conselhos dele" acerca dos problemas da vida. Mas tudo quanto ela estava procurando era o sexo, e não explicações filosóficas sobre os dilemas da vida.

Não podemos esquecer que aquilo que Noemi aconselhou Rute a fazer era contrário a uma conduta feminina apropriada. Nenhuma mulher, exceto uma prostituta, faria o que Rute fez, aconselhada por Noemi. Naturalmente, havia aquela "liberdade própria do tempo da colheita". Parece que qualquer coisa poderia acontecer na oportunidade. Assim também, por ocasião do carnaval, no Brasil, mulheres respeitáveis praticam atos tresloucados que não fariam em nenhuma outra época do ano. Por igual modo, no tempo da colheita, algumas mulheres de respeito, em Israel, faziam coisas que nunca fariam em qualquer outro tempo do ano.

Tudo quanto me disseres, farei. Este quinto versículo frisa a obediência absoluta de Rute ao plano de Noemi. Ela banhou-se, perfumou-se e vestiu suas roupas mais atrativas. E assim, ficou irresistível. Naturalmente, ela tinha seu próprio interesse para cuidar, pelo que se sentiu inspirada a obedecer ao plano de Noemi, embora este, de acordo com os padrões cristãos, fosse um plano imoral. Podemos ter certeza de que Rute não era mais inocente do que Noemi. Por outra parte, temos de lembrar que estamos aqui tratando com "a moralidade do período dos juízes de Israel". E o que temos à nossa frente é como brincadeira de crianças em comparação com outras coisas que costumavam acontecer durante aquele período. Alguns comentadores ingênua e tolamente chegam a elogiar a obediência de Rute!

Boaz Resolve Ser o Parente-remidor (3.6-15)

3.6

Então foi para a eira. As eiras eram sempre lugares altos, para permitir o máximo de exposição ao vento, o que ajudava no ato de padejar o cereal. E o chão era ligeiramente escavado, para ficar abaixo do nível do terreno em redor, a fim de ali ficar contido o grão. Nesse nível ligeiramente rebaixado é que Rute encontraria o alvo de seus esquemas. Ela se havia preparado bem, tendo feito tudo quanto fomenta a força de atração feminina. Limpa, perfumada e vestida em uma camisola reveladora. O sucesso parecia inevitável.

3.7

E se deitou. Uma vez mais, a mente cristã sente-se chocada. Tinha havido uma grande festividade. Boaz estava ligeiramente estonteado. A colheita já estava chegando no fim. Havia grandes quantidades de grãos já padejados na eira. Assim sendo, por que não celebrar? Havia grande abundância de alimentos, vinho e muitas mulheres que dançavam. Os homens também poderiam dançar, se quisessem. Pelo menos, meio embriagado, Boaz ajeitou-se perto de um montão de grãos, a fim de descansar e dormir. Os olhos de Rute seguiram-no. Ela estava ansiosa para levar adiante aquele plano agradável.

Devemos lembrar, uma vez mais, que a cultura dos hebreus caracterizava-se pelas canções, pelas danças e pelo vinho. Naturalmente, em nossos dias, a terrível música "rock" e suas danças imorais têm corrompido a própria Igreja organizada. Mas pelo menos os hebreus não corrompiam o seu lugar de adoração!

"Ele tinha comido e bebido: um pouco de conhecimento acerca da natureza humana. Ester também esperou que o rei tivesse festejado e bebido (ver Ester 7.2). E Neemias adiou a apresentação de sua petição até depois que o rei já tivesse bebido o seu vinho (ver Neemias 2.1)" (Louise P. Smith, *in loc.*).

Por conseguinte, ali estava Boaz, a guardar seu montão de grãos, sua mente ainda balançando por causa da música, enquanto o vinho lhe alegrava o cérebro. Poderia ele resistir à bela Rute, que se aproximava do lugar onde ele jazia a dormir? John Gill fala sobre "a alegria inocente" que era permitida na eira, naquele tempo. Mas dificilmente isso amortiza aquilo que sabemos sobre a história, especialmente, aquilo que sabemos a respeito do tempo dos juízes de Israel e da grande liberalidade que predominava no tempo da colheita do cereal.

3.8

Sucedeu que... "O plano de Noemi é tão estranho aos nossos costumes sexuais que seria mais sábio rejeitar todo o incidente com propósitos homiléticos" (Louise P. Smith, *in loc.*). Naturalmente, os pregadores e os mestres sempre usaram esta passagem (e o livro inteiro de Rute) para apresentarem sermões e lições intermináveis. Por outra parte, muitas passagens de moral duvidosa (como

aquelas repletas de matanças) sempre foram usadas como base de sermões e lições.

Pela meia-noite. Quando os efeitos do vinho já haviam passado um pouco, de súbito Boaz tomou consciência de uma presença. Grande deve ter sido a sua surpresa ao descobrir uma bela mulher deitada ao seu lado! Os Targuns apresentam aqui um breve mas excelente comentário. A carne de Boaz "ficou fraca como um nabo", tão intenso foi o medo que o invadiu de súbito. Jarchi asseverou que ele ficou com medo por ter pensado que algum espírito ou demônio teria vindo deitar-se a seu lado. Ele referia àqueles demônios que, segundo algumas crenças, se aproximam das pessoas à noite! Mas era apenas Rute, a bela moabita. Em algumas ocasiões, todavia, não há grande diferença entre uma bela mulher e um demônio.

E como foi que Boaz descobriu *o que* ou *quem* estava deitado ao seu lado? Aben Ezra explicou que a lua estaria clara o bastante para revelar o fato. E Jarchi experimenta que Boaz estendeu a mão e tateou os longos cabelos daquela pessoa, reconhecendo assim que se tratava de uma mulher.

3.9

Sou Rute, tua serva. A jovem moabita identificou-se e, sem perda de tempo, fez uma proposta de casamento. Pelo menos o pedido de ele estender a capa dele sobre ela teve esse significado. Cf. Rute 2.12 quanto à metáfora da galinha ou da ave e seus filhotes. Podemos estar certos de que a "asa" de proteção, nesse caso, era o casamento. Rute não estava esperando de Boaz menos do que isso. E nem estava ela, meramente, pedindo que Boaz a cobrisse com algum pano. Os Targuns interpretam este versículo como uma proposta de matrimônio, embora ela também pudesse estar com frio e quisesse cobrir-se com alguma coisa. Mas as palavras dela deram a entender mais do que isso.

Porque tu és resgatador. Ela pediu a proteção dele; mas, para que houvesse uma proteção verdadeira, era mister que Boaz se casasse com Rute. A referência ao *resgatador*, neste mesmo versículo, não pode indicar outro sentido à capa, senão o casamento.

Alguns estudiosos supõem que a referência à capa (no original hebraico foi usada a palavra kanaph, "asa") indique o ato sexual no mesmo instante, como uma garantia do *intuito de casamento*. Mas parece que essa interpretação exagera o significado do texto.

3.10

Disse ele. Boaz ficou muito satisfeito com o que tinha acontecido. Em primeiro lugar, sendo ele um homem um tanto idoso, sentiu-se lisonjeado diante da atenção dada por Rute. Ela não tinha procurado homens mais jovens e ricos. E, longe de ficar ofendido com o que ela tinha feito, Boaz considerou que era um ato de benevolência. Ela sempre se mostrara atenciosa e bondosa para com ele; mas naquela noite, lhe dera uma atenção pessoal muito especial. Devemos compreender que a figura feminina de Rute era tal que ela poderia conseguir homens jovens, fossem eles endinheirados ou não. Assim sendo, Boaz ficou muito feliz diante do fato de que ela o tinha escolhido, embora, verdadeiramente, tivesse feito com um *modus operandi* deveras ousado.

Boaz, Modelo de Comportamento Sexual. O texto sagrado tem o cuidado de informar-nos (vs. 11) que Rute era uma *mulher virtuosa*, um fato que todos reconheciam. Provavelmente, isso inclui a idéia de que se Boaz dominou diante de qualquer tentação que tenha sentido, e não tocou em Rute naquela noite. Esses acontecimentos são raros, embora saibamos de casos bem conhecidos através da história.

"Boaz subjugou a sua concupiscência, e agiu para com Rute conforme José fizera no caso da esposa egípcia de seu senhor; ou como Pelatiel, filho de Laís, o piedoso, fez no caso de Mical, a filha de Saul e esposa de Davi, que punha uma espada entre Mical e ele mesmo porquanto não queria aproximar-se dela" (assim comentam os Targuns acerca deste versículo).

Também temos a história de Tomás de Aquino, outro gigante moral. Ele tinha resolvido que se tornaria padre, mas seus pais queriam que ele fosse advogado. A fim de debilitarem a sua força de vontade, enviaram uma bela e jovem mulher, para visitá-lo em seu quarto. E logo ela deixou claro com qual propósito tinha vindo ali. Irado, ele apanhou um ferro quente, tirado da lareira, e foi atrás dela. Ela fugiu do quarto e bateu a porta no rosto dele. E, assim sendo, ele fez a marca da cruz pelo lado de dentro do quarto, com o ferro em brasa.

Os homens gostam de contar e escrever histórias assim porque, na verdade, não há muitas dessas histórias que possam ser registradas, e aqueles que contam essas vitórias morais obtêm uma espécie de aura moral ao seu derredor. Mas os cínicos explicam essas histórias sugerindo que esses gigantes morais eram, na realidade, homossexuais ou homens geneticamente defeituosos. A verdade da questão, entretanto, é que realmente existem alguns poucos gigantes morais; e não deveríamos desacreditar de tais relatos somente por causa de alguns maliciosos.

Epicteto foi outro desses heróis morais. No caso dele, foi-lhe possível até mesmo zombar de uma jovem que se despira diante dele, porque ele não tinha a mínima intenção de atender à solicitação dela. Em contraste com isso, houve o comandante militar, Menandro, que observou: "Uma jovem indigna fez de mim um escravo, embora nenhum adversário jamais me tivesse subjugado". Epicteto chegou a indagar: "Quando a jovem bonita foi demais para você, você saiu sem ser punido?".

3.11

Tudo quanto disseste eu te farei. Rute tinha proposto casamento a Boaz. Afinal, ela tinha o direito legal de fazer tal proposta, visto que Boaz era um parente-remidor qualificado. E Boaz, que já vinha pensando sobre o assunto, concordou imediatamente com ela, depois daquele chocante ato da meia-noite. Tanto Noemi quanto Rute estavam com pressa, mas talvez Boaz acabaria chegando à decisão que tomou, afinal. Foi ótimo que Boaz se tenha mostrado tão favorável, embora estivesse resolvido, o tempo todo, a casar-se com Rute. Ele casar-se-ia com ela de acordo com a maneira legal, e assim sua reputação seria resguardada. E Rute seria considerada uma mulher virtuosa por todos. Boaz, como homem, simplesmente mostrou ser muito superior ao resto da matilha.

Toda a cidade. Na verdade, *portão*, o lugar onde os oficiais se assentavam e ditavam julgamento. Uma decisão favorável seria tomada; os oficiais julgariam Rute digna de casar-se com Boaz; a operação do goel (parente-remidor) entraria em ação. A herança seria legalmente preservada; um herdeiro manteria viva a linhagem de Elimeleque, e o seu nome não seria esquecido em Israel. Quanto ao portão, cf. Gên. 19.1; 34.20,24; Deu. 16.18 e 21.19. Os oficiais da cidade reconheceriam a virtude de Rute, e assim também todo o povo da cidade, que passava constantemente por aqueles portões. As coisas seriam feitas de forma decente e em boa ordem, de tal modo que nada teria de ser censurado por quem quer que fosse.

Virtuosa. No hebraico temos o vocábulo *hayil*, que significa "valor", "dignidade", "habilidade" "virtude". Essa mesma palavra hebraica foi usada para descrever o próprio Boaz (2.1). Ver também Pro. 12.4; 31.10,29. *Nobre*, algumas vezes, é uma boa tradução para essa palavra.

3.12

Outro resgatador há mais chegado do que eu. O parente mais chegado de todos tinha primazia, de acordo com a lei do levirato, e teria a primeira chance de redimir a mulher e a herança. Se ele declinasse, então chegaria a oportunidade do segundo, Boaz. O quarto capítulo conta a história dessa questão. Isso apresentou outra complicação; mas quando o destino está em jogo, todas as complicações são finalmente resolvidas. Boaz faria tudo quanto fosse possível para garantir Rute para si mesmo, embora houvesse um pequeno período de demora. É de presumir, de acordo com as fontes informativas judaicas que Boaz e o falecido marido de Noemi fossem primos. E, nesse caso, o outro parente-remidor em potencial seria um irmão do falecido marido de Noemi, ou seja, um tio de Boaz (ver *Midrash, Ruth*, fol. 31-4; 34.2). Ver também Rute 4.3 quanto a outras idéias. É possível que todas essas informações sejam meras conjecturas; mas essa é toda a informação de que se dispõe sobre o assunto.

3.13,14

Tão certo como vive o Senhor. Boaz jurou por Yahweh que ele cumpriria o seu papel de parente-remidor, se o outro parente-remidor não quisesse cumprir o dever. Entrementes, tudo quanto restava fazer naquela noite era dormir e esperar que acontecesse o melhor. Boaz manteve Rute ali pelo resto da noite; mas ainda de madrugada, quando ainda estava escuro, ela deslizou para fora, a fim de não causar maledicência e escândalo (vs. 14). Ademais, Boaz baixou ordens estritas de que não se deveria saber que uma mulher dormira ao lado dele a noite inteira, pois talvez tivesse havido testemunhas oculares, e ele agiu assim como medida preventiva.

O *texto hebraico* é assinalado com um símbolo especial, o mesmo que também se encontra na história do incesto de Ló com suas duas filhas. Esse símbolo, pois, vincula as duas passagens. Portanto, temos o ponto admirável que os moabitas, que eram resultados de um incesto, acabaram no regaço de Boaz, através de Rute. O incidente que ora comentamos teve lugar com uma descendente distante de Ló. Mas eis que nos lembramos de que essa descendente distante também ocupa um lugar nas genealogias do rei Davi e do Rei Messias. Assim sendo, o propósito de Deus opera na direção da redenção e da restauração universal; e é precisamente isso que esperamos da parte do amor de Deus. Os livros de Rute e de Jonas são uma espécie de João 3.16 do Antigo Testamento.

"... ambas essas histórias (de Ló e de Boaz) apontam para a grande providência de Deus, por fazer a luz brilhar dentre as trevas. Rute, uma antepassada de Cristo, foi resultado do incesto de Ló" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*.

"Coisa alguma tinha acontecido que fosse imprópria; mas os que usam de maledicência não têm cuidado para fazer o levantamento dos fatos" (John W. Reed, *in loc.*).

3.15

Manto. Nenhuma mulher hebréia de respeito jamais pensaria em sair em público sem o manto que lhe cobria os cabelos. Preparei um artigo detalhado na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, intitulado *Véu da Mulher*. Mas nesse caso, o manto não iria servir para cobrir Rute. A madrugada escura era adequada para isso. Antes, o manto serviria para ela transportar um bom suprimento de cereal, que Boaz lhe deu. Mui provavelmente, uma medida (no hebraico, seah) equivalia a um terço de um efa, ou seja, cerca de quatro quilogramas e meio. Isso posto, ela levou para casa cerca de vinte e sete quilogramas de cereal. Rute precisava ser uma mulher forte para transportar esse tanto até sua casa; mas ela se sentiu inspirada a fazê-lo, por causa dos acontecimentos recentes. Boaz *depositou* o peso em suas costas, e lá se foi ela, arfando debaixo da carga, mas feliz. Alguns estudiosos dizem que a carga foi posta em sua cabeça; mas poderia uma mulher levar tanto peso sobre a cabeça? Os Targuns e a Vulgata Latina dizem ambos *seah*; mas John Gill, não confiando muito na força física das mulheres, pensava que era peso demasiado. Os Targuns também ajuntam que Yahweh ajudou Rute a carregar todo aquele peso, fazendo assim o sobrenatural entrar na questão e transformando-a em um pequeno milagre. John Gill sugeriu que talvez Rute tivesse recebido o cereal pesado em ômeres, que era a décima parte de um efa. Nesse caso, a carga teria seu peso diminuído em cerca de uma terça parte, e Rute teria carregado apenas cerca de dezoito quilogramas. Todavia, sem importar qual o peso da carga transportada, o fato é que se tratava de um excelente presente, que a fazia lembrar constantemente do triunfo daquela noite, obtido mediante o plano ousado de Noemi, e executado à risca por Rute. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pesos e Medidas*.

Metáforas e Símbolos Fantasiosos. Os Targuns empregaram muita imaginação, vendo nas "seis medidas" uma mensagem profética que prometia que, através de Rute, haveria seis pessoas extraordinárias: Davi, Daniel, Sadraque, Mesaque, Abede-Nego e o Rei Messias. Seja como for, é significativo que os Targuns tenham posto o Messias na linhagem de Rute, o que, sem dúvida, foi inspirado pelo fato conhecido pelo autor do comentário de que o rei Davi era descendente de Rute.

Entrou ela na cidade. A cidade era Belém. Alguns manuscritos, contudo, dizem aqui "ele", como se o sujeito da ação fosse Boaz. Na verdade, ambos entraram na cidade, pois Rute 4.1 diz que Boaz também entrou na cidade. Mas neste versículo é melhor a palavra "ela".

Rute Volta a Noemi (3.16-18)

3.16

Rute tinha efetuado uma missão arriscada e muita nervosa, um plano ousado que estava completamente distante do que seria considerado uma conduta apropriada para uma mulher de respeito. Mas a verdade é que, algumas vezes, a vontade de Deus opera de maneiras realmente estranhas, de maneiras nada convencionais. Além disso, se Rute não tivesse experimentado executar o ousado plano, a história do livro de Rute teria sido muito menos interessante. Portanto, ali estava ela, transportando nas costas todo aquele cereal, embora feliz, ansiosa para narrar a Noemi o retumbante sucesso que havia conseguido. Ela tinha proposto casamento, e Boaz havia aceito a proposta. Que poderia haver melhor do que isso? Ver o nono versículo deste capítulo quanto à proposta de Rute, que Boaz aceitou prontamente.

No vs. 16, algumas traduções dizem: "Quem és tu?" como se ainda fosse escuro e Noemi não tivesse reconhecido Rute. Outras traduções dizem: "Como lhe passaram as cousas?" (conforme faz a nossa versão portuguesa), e isso faz melhor sentido. Noemi estava esperando ansiosamente pelas notícias, quase sem poder dormir. E perguntou imediatamente como tinha saído o plano. Rute, igualmente ansiosa, relatou a história inteira. Todos deleitam-se em contar boas-novas, especialmente quando são verazes.

3.17

E disse ainda. Este versículo, que deveria relatar tudo quanto acontecera durante a noite, contenta-se com o mínimo. Ali estava todo aquele cereal, uma demonstração inequívoca da bondade e das intenções de Boaz de redimir Rute e casar-se com ela. Tudo isso fica subentendido. O relato, pois, é extremamente econômico, e espera que lembremos tudo quanto havia acontecido. O clímax da questão, o presente sob a forma de grãos, contém em si mesmo a lembrança de tudo quanto sucedera. Rute deixou o cereal aos pés de Noemi. A ela cabia administrar tudo quanto Rute estava trazendo para casa. Rute compartilhava com Noemi, uma prova de seu amor a ela.

3.18

Aquele homem não descansará. Noemi tinha certeza das boas intenções de Boaz, quanto a redimir Rute e a herança. Noemi sabia que Boaz agiria ainda naquele mesmo dia, conforme o quarto capítulo nos mostra que sucedeu. O texto hebraico diz, literalmente, "ele não se manterá quieto". Boaz estaria agindo com diligência, procurando o parente-remidor mais chegado e apresentando a questão às autoridades constituídas. Noemi e Rute já haviam feito tudo quanto lhes era possível. Elas tinham levado a efeito seu plano ousado. Boaz havia aceitado a proposta de casamento, feita por Rute, como a "coisa certa" a fazer, para nada falarmos sobre o amor. Mas Boaz precisava agir de acordo com a lei, resolvendo a questão com aquele homem que era parente mais chegado do que ele. Ver as notas sobre o versículo 12 quanto ao relacionamento de parentesco envolvido. Conforme disse Aben Ezra, todos os decretos "descem do céu"; e os homens, algumas vezes, simplesmente precisam esperar para ver o que acontecerá. O mesmo comentador demonstrou ter fé que alguns casamentos especiais resultam de decretos especiais. Os Targuns falam aqui, igualmente, sobre os decretos celestes, que determinam muitos acontecimentos na terra. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Predestinação*, *Determinismo* e *Livre-arbítrio*.

Capítulo Quatro

Boaz Prepara-se para Casar-se com Rute (4.1-12)

O Parente Mais Chegado Nega-se (4.1-8)

O ousado plano de Noemi (terceiro capítulo) que levou Rute a deitar-se ao lado de Boaz, na eira, perto de um monte de grãos já padejados, produziu esplêndidos resultados. Rute propôs casamento a Boaz, o qual aceitou de imediato a proposta, pensando que o dever era ser o goel ou parente-remidor. Além disso, já havia grande amor no coração de Rute e de Boaz, e isso explica por qual motivo, até de maneira ansiosa, Boaz procurou providenciar tudo quanto era mister. Em primeiro lugar, ele precisava entrevistar o parente ainda mais chegado do que ele. Se aquele homem declinasse da oportunidade de redimir Rute e as terras da família (sobre as quais ele se tornaria o proprietário e administrador), então a oportunidade caberia a Boaz.

Por esse exato motivo, Boaz foi até a "porta" da cidade, na esperança de resolver toda a questão diante das autoridades constituídas.

"Essa conclusão (capítulo quarto) da narrativa contrasta lindamente com a triste introdução do livro (ver Rute 1.1-5). Uma profunda tristeza transformava-se rapidamente em uma alegria radiante; o vazio deu margem à fartura" (John W. Reed, *in loc.*).

4.1

Boaz subiu à porta da cidade. Ali achavam-se os anciãos da cidade. Ele tinha um caso a ser apresentado, que envolvia o cumprimento da lei do levirato (ver a respeito no *Dicionário*).

"Não são explicados os costumes antigos que serviram de base da contenção de Boaz, nem foram claramente elucidados por referências às Escrituras do Antigo Testamento. Se, na compra do terreno que tinha sido de Elimeleque, fosse necessário restaurar o nome do morto e sua herança (quinto versículo), por que Boaz não planejou casar-se com a viúva de Elimeleque, e não com a nora dela?" (Louise P. Smith, *in loc*.). podemos supor que a lei era flexível o bastante para que uma viúva pudesse retirar-se voluntariamente para segundo plano, permitindo que a nora tomasse o seu lugar. Talvez isso fosse permitido em casos de idade avançada ou podemos supor que a lei era flexível o bastante para permitir que uma viúva se retirasse voluntariamente para segundo plano, permitindo que sua nora tomasse o seu lugar. Talvez isso fosse permitido em casos de idade avançada e enfermidade. por exemplo. O trecho de Rute 1.12 mostra que Noemi se considerava idosa demais para casar-se.

Também parece indiscutível que Boaz agiu movido pela graça, visto que ele não era irmão do falecido. Embora aparentemente fosse prática comum que um parente mais distante cumprisse a função do goel, não há nenhuma evidência de que ele fosse obrigado a isso. Até mesmo irmãos poderiam escapar da obrigação do casamento levirato. permitindo-se ser publicamente infamados pela viúva.

Um Golpe de Boa Sorte. Quando Boaz chegou à porta da cidade, o parente mais próximo ainda ia passando. Então Boaz chamou-o, já tendo preparado os seus argumentos para tornar-se o parente-remidor. E o homem voltou-se na direção dele. Cf. Deu. 16.18 quanto à porta da cidade como o lugar onde funcionava o tribunal. Aquele também era um lugar de negociações, além de ser o ponto pelo qual os habitantes de uma cidade entravam e saíam da cidade. Portanto, era sempre um lugar movimentado. Contudo, foi por mais do que mera coincidência que o parente ainda mais próximo estivesse passando por ali naquele momento, quando Boaz chegara ali especificamente para cuidar da questão, se seria ou não o goel ou parente-remidor.

4.2

Boaz tomou dez homens. Esses dez homens foram escolhidos dentre os anciãos que tinham autoridade em Belém. Assim sendo, ele conseguiu a corte necessária para julgar o caso. No judaísmo posterior, dez homens era tanto o menor

número possível para a formação de uma sinagoga como também o quórum necessário para uma bênção de casamento (ver *Midrash Rabbah Ruth* 7.8). Por todos os períodos da história de Israel, os anciãos sempre foram um grupo importante, dotado de ampla autoridade civil e religiosa. Em Juízes 11.7,8, lemos como eles puseram a tribo de Judá sob a autoridade de Jefté. Reoboão (ver I Reis 12.6-16) rejeitou o conselho dos anciãos com resultados desastrosos. Durante o período pós-exílico, a autoridade dos anciãos não cessou. Ver Esd. 10.8; Sal. 105.22; e cf. Joel 1.2; Isa. 24.23; Sal. 107.32. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ancião*, bem como o artigo mais longo, sobre o mesmo assunto, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Anciãos quanto à Idade e ao Ofício. "Não meramente quanto à idade, mas também quanto ao ofício. Eles eram cabeças de mil, de cinqüenta e de dez. Dez deles formavam o quórum para que um tribunal pudesse funcionar, determinando questões como aquela que Boaz viera propor... Os judeus supunham que a bênção conferida a uma noiva e a um noivo, por ocasião de seu casamento, não poderia ser dada por menos do que dez dessas pessoas (*Talmude Bab. Cerubot*, fol. 7.1; *Mishnah Negillah*, cap. 4, sec. 3; *Midrash Ruth*, foi. 25.1)" (John Gill, *in loc.*).

4.3

Aquela parte da terra. A terra aqui referida tem dado origem a várias indagações. Em primeiro lugar, o tempo verbal perfeito, no hebraico, pode significar "vendeu" (um ato no passado), ou então "resolveu vender". Ver Gên. 23.13. Se o tempo passado for preferido, então a questão fica mais simples:

1. O versículo significa que Noemi *tinha vendido* a sua propriedade, provavelmente por estar em necessidade financeira, por causa da morte do marido, Eliaquim. Por isso mesmo, o parente-remidor, a fim de recuperar as terras e redimir a herança, teria de comprar a terra. O ano do Jubileu (ver no *Dicionário*) automaticamente redimiria a terra, visto que as terras eram heranças perpétuas, que tinham de ser mantidas dentro das famílias herdeiras. Mas o ano do Jubileu podia estar muito distante ainda.
2. Porém, se o presente determinativo tiver de ser entendido, o que é seguido por algumas traduções, então é difícil ver como tal terreno poderia entrar na questão da redenção. Se Noemi não tivesse vendido o terreno, não seria mister redimi-lo. Naturalmente, é possível que ela tinha prometido vendê-lo, mas ainda não tivesse recebido o dinheiro, e a negociação fosse sentida como algo decidido, do que era impossível retroceder. Nesse caso, a venda em processo seria considerada como *já vendida*. Uma viúva não podia conservar terras sem um herdeiro, e essa era a questão que tornava tão importante o parente-remidor.
3. O terreno pertencia a Noemi, e ela queria o seu dinheiro. Ela haveria de vender o terreno, sem importar qual a sorte de Rute. Por conseguinte, as terras foram oferecidas primeiramente ao parente chegado (aquele ainda mais próximo que Boaz). Nesse caso, os direitos de herança foram transferidos de Noemi para Rute, devido à venda do terreno. Das Três possibilidades, a última é a mais provável.

Disse ao resgatador. De acordo com as tradições judaicas, esse homem era irmão de Elimeleque, ao passo que Boaz era apenas um primo. Ver as notas sobre Rute 3.12. Alguns eruditos pensam que esse parente-remidor mais chegado seria um irmão mais velho de Boaz, e não seu tio. Mas ainda um terceiro grupo de estudiosos pensa que Elimeleque, Boaz e esse parente mais chegado seriam três irmãos, e este último seria o irmão mais velho. Não há como determinar a verdade do grau de parentesco exato entre eles; nem a questão se reveste de maior importância.

4.4

Compra-a na presença destes. Boaz exortou ostensivamente o parente-remidor mais chegado para que comprasse o terreno, antes que alguma terceira pessoa o fizesse, ou antes que a herança revertesse para os anciãos, os quais, em seguida, fariam com ela o que lhes parecesse melhor. A "presença" aqui referida seriam os anciãos e os circunstantes. Esses seriam testemunhas de tudo quanto se desenrolasse.

Sem dúvida, até para lamentação de Boaz, o parente mais chegado concordou em comprar a terra, considerando-a um bom investimento. Mas Boaz tinha outra carta do baralho escondido na manga: havia uma mulher que estava envolvida com o terreno. A situação era esta: quem comprasse o terreno teria de casar-se com a mulher.

4.5,6

Também a tomarás da mão de Rute, a moabita. Por pouco não houve um desastre, arruinando tudo. O parente mais próximo inicialmente concordou em comprar o terreno (ver o versículo anterior). Mas quando Boaz apresentou a sua carta de trunfo: "Para comprares a terra, terás de casar com a mulher, que é a dona do terreno", ele desistiu. Deve-se notar que Rute, tendo entrado no lugar de Noemi como a mulher viúva a ser redimida, foi considerada proprietária do terreno. Diante dessa condição, o parente mais próximo hesitou e desistiu. Ele queria o terreno, mas não a mulher moabita. Sem dúvida, ele já era casado, mas a poligamia permitia-lhe tomar outra mulher. Mas o fato é que ele não queria outra mulher. Queria o terreno, mas nada queria com Rute, porquanto já tinha seus compromissos, seus filhos, sua família, sua herança, e não queria esforçar-se mais ainda, tendo de cuidar de mais uma família.

Os *Targuns* e *Josefo* pressupõem que o homem já era casado. E Josefo asseverou que o homem deve ter antecipado conflito entre sua esposa e alguma nova esposa. Ademais, constituir outra família deixá-lo-ia sob tremenda pressão financeira. Foi por isso que ele empregou as palavras "para que não prejudique" a minha herança. Isso deixou Boaz inteiramente livre para cumprir ambas as condições: comprar o terreno e casar-se com Rute. Assim sendo, ele suscitaria filhos para o nome de Malom, tendo sido ele o primeiro marido de Rute (Rute 1.1,5), cujo nome e herança viveriam graças a Boaz. Ver o comentário de Josefo sobre essa passagem (*Antiq.* 1.5, cap. 9, sec. 4).

4.7

Este era outrora o costume em Israel. A lei do levirato (ver a respeito no *Dicionário*) evidentemente tinha vários modos e condições que se iam modificando lentamente com a passagem do tempo. A cerimônia com a sandália evidentemente era um antigo rito que envolvia a enunciação de um direito, passando a ser associada com a questão do goel (parente-remidor). Em Deuteronômio 25.9, a sandália do irmão que se negasse a fazer o seu papel para com a viúva era afrouxada, e a viúva também cuspia em seu rosto, envolvendo-o assim em opróbrio, por ter-se negado a cumprir o seu dever.

Quatro Diferenças em Rute quanto à Lei do Levirato. O livro de Rute expõe uma aplicação diferente da lei do levirato, em relação ao que se vê em outras fontes. Os críticos, por esse e por outros motivos, têm pensado que o livro é uma novela religiosa, e não uma composição histórica séria, e frisam a maneira como essa lei foi tratada no livro como evidência de um crasso erro histórico. Mas os estudiosos conservadores supõem que as respostas dadas são suficientes para salvar a historicidade do livro.

1. No livro de Rute, foi *Rute*, a nora, que foi redimida, juntamente com o terreno que nem ao menos lhe pertencia, em lugar de Noemi, a viúva do ex-proprietário, e suas terras. Isso dá a entender grande liberalidade na aplicação dessa lei, a ponto em que uma mulher podia substituir a outra, e terras podiam ser legalmente transferidas para outrem, coisas essas nunca ouvidas fora do livro de Rute.
2. Ademais, um *parente mais distante* (que não era irmão do falecido) teve a permissão de realizar a redenção, algo que só se vê no livro de Rute.
3. Rute apresentou a questão *como se* Boaz tivesse o *dever* de ser o parente-remidor; mas, se ele não era irmão do falecido, então só podia agir mediante graça e misericórdia, e nunca com base em uma obrigação, a menos que a lei tivesse adquirido aspectos que só transparecem no livro de Rute.
4. A *cerimônia da sandália* não envolve nenhum senso de vergonha no livro de Rute; mas, em Deuteronômio 25.9, o homem que não quisesse cumprir seu dever para com a cunhada viúva recebia uma cusparada em pleno rosto, como demonstração de opróbrio. No livro de Rute, de fato, não há nenhuma idéia de vergonha, e a substituição de um parente-remidor por outro solucionou totalmente os problemas relativos ao caso. Além disso, não há indício de que o parente mais chegado fosse irmão de Elimeleque, o falecido. Portanto, ele só teria de assumir o papel de parente-remidor se quisesse.

   Talvez o episódio referido no livro de Rute represente um estágio histórico no desenvolvimento da lei do levirato e outros estatutos legais. Os códigos leais da Assíria e de Nuzi mostram que a cerimônia da sandália era a *renúncia a um direito*, pelo que havia ampla aplicação daquele costume. Sem dúvida, essa lei era aplicada de forma diferente de uma cultura para outra e de uma época para outra. John Gill mencionou a cerimônia com a sandália em conexão com negociações que nada tinham que ver com o problema do casamento levirato, pelo que até mesmo em Israel aquele rito era aplicado de vários modos. Cf. Deu. 25.6-9.

4.8

E tirou o calçado. Ao descalçar-se, o parente mais chegado desistiu de seu direito de redimir Rute e as terras da família; e, ao mesmo tempo, conferiu a Boaz esse direito, que já o tinha assumido como um direito e um privilégio. Ver as notas sobre o versículo anterior, quanto à natureza desse costume. Assim sendo, aquela transação legal, devidamente testemunhada pelos anciãos da cidade e pelos circunstantes, foi selada ou legalizada pela cerimônia da sandália, e não por meio de algum documento escrito. Quando Boaz tomou a sandália do homem, isso lhe outorgou o direito e as obrigações pertinentes ao acordo feito. Ele andaria em suas terras com a sandália, ou, pelo menos, essa era a metáfora que havia por trás do rito. Cf. Deu. 1.36; 11.24; Jos. 1.3; 14.9. O parente mais próximo desistiu de seu calçado, preferindo retirar-se para o anonimato; mas Boaz é lembrado até

hoje por seu ato de amor e misericórdia, e o seu nome entrou na árvore genealógica do rei Davi e do Rei Messias. Noemi bendisse aquele homem cujo nome tornou-se famoso em Israel, em face de sua benignidade e disposição em cumprir todos os seus deveres (ver Rute 4.11).

Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 9, sec. 4) diz que Rute tomou a sandália do parente mais próximo e cuspiu no rosto dele, em consonância com o capítulo 25 de Deuteronômio, mas essa é uma tentativa inútil de harmonizar as duas passagens bíblicas.

O *Targum* sobre essa passagem adiciona uma *cerimônia da luva*, em que Boaz tirou uma luva da mão direita do parente mais próximo, e a *comprou*. Isso simbolizava o uso de poder, visto que a mão direita era a mão de poder. Boaz valeu-se do direito de realizar seu dever como parente-remidor. Em algum estágio da história, Israel teve esse rito da luva, embora não seja provável que isso tivesse tido papel na redenção de Rute.

Boaz Torna-se o Remidor e Casa-se com Rute (4.9-12)

4.9

Boaz disse. Os dez anciãos, as testemunhas, e quaisquer circunstantes, tinham visto tudo quanto acabara de acontecer; e Boaz chamou a atenção deles para que notassem que ele havia redimido as terras de Elimeleque e a "sua esposa" (substituída no caso por Rute, nora daquela). Elimeleque teve dois filhos, Quiliom e Malom (este tinha sido o marido de Rute, a moabita). Todos eles, embora já mortos, estavam envolvidos, visto que a herança da família passava agora para as mãos de Boaz e Rute. Os nomes e a herança deles seriam perpetuados, através do casal.

4.10

Também tomo por mulher a Rute. Rute veio para Boaz juntamente com o terreno. Ela estava sendo redimida. De acordo com circunstâncias normais, ela não precisava de redenção. Noemi é que precisava ser redimida. Porém, devido à flexibilidade da lei do levirato, que não nos é explicada no livro, Rute foi capaz de substituir Noemi em toda essa negociação. A sorte de Noemi não foi especificamente mencionada, mas fica entendido que o casal tomaria conta dela.

A mulher moabita foi assim recebida na linhagem que produziu tanto o rei Davi quanto o Senhor Jesus, o que não é nenhum pequeno privilégio. Foi assim que, de maneira deveras significativa, a antiga lei que dizia que os moabitas não podiam ingressar na congregação do Senhor (ver Deu. 23.3) foi espiritualmente revertida, ainda que não universalmente.

O Tipo. Boaz tornou-se um tipo do Senhor Jesus Cristo, o nosso universal Parente-Remidor, visto que Ele é o irmão mais velho de todos os remidos. Foi Ele quem corrigiu as coisas diante de Deus Pai, O qual entregou tudo em Suas mãos. Em conseqüência, o livro de Rute, juntamente com o livro de Jonas, tornou-se uma espécie de João 3.16 do Antigo Testamento.

4.11

Todo o povo que estava na porta, e os anciãos, disseram. Todos testificaram acerca da validade daquela transação verbal. Ao que tudo indica, não houve a escrituração de nenhum documento. Mas eles proferiram o que parece ter sido uma bênção padronizada e muito usada, no caso de algum casamento. Eles fizeram Boaz lembrar que as duas matriarcas, Raquel e Lia, tinham *edificado* a casa de Israel; e então exortaram-no a agir de modo digno em seu próprio lugar, em Belém. A cidade não era a nação inteira de Israel, mas a representava; e era ali que Boaz haveria de constituir família. Ele seguiria a fé de Israel, criaria seus filhos nos caminhos da lei do Senhor, e de outras maneiras diversas haveria de honrar a Deus e à nação de Israel.

A exortação e a bênção enfatizavam o papei desempenhado por Boaz na comunidade e na nação. O que ele fizesse ali seria importante para a nação como um todo. Ninguém é uma ilha, nem vive realmente isolado de seus semelhantes. Se Boaz agisse corretamente, ele se tornaria famoso em Belém e em outros lugares, mesmo distantes, que ouviriam falar de seu nome e aprovariam os seus atos. Na verdade, o nome dele chegou até nós, sendo honrado no Antigo Testamento. Entrementes, o parente mais próximo, que teve a oportunidade de redimir Rute mas a negligenciou, passou para o anonimato, tendo apenas cuidado de seus pequenos e limitados negócios locais.

Os Edificadores de Família. "Eu também observaria que vós, homens, sois similares a casas; vós, pais, sois os construtores das crianças, e elas são os alicerces do edifício" (Plauto, Mostell. Ato 1, sec. 2, vs. 37).

Efrata. *Ver sobre esse nome no Dicionário.* Era um nome alternativo para Belém, que também merece um verbete no *Dicionário*. Ver Gên. 35.19 e Miq. 5.2.

4.12

Como a casa de Perez. Ver sobre esse homem em Gên. 38.27-30. Os outros nomes próprios que figuram neste versículo aparecem como verbetes no *Dicionário*. O texto refere-se à história de Perez e seu irmão gêmeo. Tamar deu à luz a gêmeos para Judá. O irmão gêmeo de Perez pôs a mão para fora primeiro, e recebeu um fio vermelho no pulso; mas de súbito, nasceu Perez, tendo sido assim, na realidade, o primeiro a "romper" a madre, se quisermos falar sobre o corpo inteiro. Embora não tivesse recebido o fio vermelho, foi o primeiro a nascer; e sempre se destacou, obtendo maior sucesso que seu irmão gêmeo. Foi por meio dele que a linhagem de Judá continuou. Portanto, as testemunhas diziam agora a Boaz: "Sê um vencedor, como Perez; sobressai-te em todas as coisas; honra a linhagem de Judá".

Naturalmente, conforme veremos logo adiante, o filho de Boaz deu continuidade à linhagem de Perez; e dessa linhagem foi que vieram tanto Davi quanto Jesus.

O texto está falando aqui de uma das cinco principais famílias de Judá, uma família muito numerosa. As testemunhas, pois, desejaram para Boaz e Rute uma família numerosa, que aumentaria a glória da tribo de Judá. A atitude dos hebreus sempre foi que os filhos são um presente e uma herança da parte do Senhor (ver Salmo 127.3).

Conclusão: A Felicidade de Noemi (4.13-17)

4.13

E teve um filho. O herdeiro não demorou a aparecer. A união de Rute e Boaz foi abençoada por Deus. Rute entrou assim na linhagem de Davi e do próprio Messias, embora ela não dispusesse de meios, na ocasião, de prever as tremendas conseqüências de seu casamento com Boaz.

Do Mal Pode Vir o Bem. Sem ter consciência disso, Judá cumpriu a obrigação do casamento levirato no tocante a seu filho mais velho; e daquela união incestuosa veio Perez, que se tornou o cabeça da casa de Judá. Ver o capítulo 38 de Gênesis quanto à extraordinária narrativa. Em adição, uma mulher moabita foi ascendente tanto de Davi quanto do Rei Messias!

Josefo declarou que o nascimento do filho de Boaz e Rute ocorreu no fim daquele tempo, calculando desde o tempo do casamento deles (*Antiq.* 1.5, cap. 9, sec. 4).

4.14

As mulheres disseram a Noemi. A idosa judia tinha razões especiais para estar feliz e receber Bênçãos da parte de suas vizinhas. Afinal, era a linhagem dela que estava continuando, vicariamente, através de Rute, sua nora. As mulheres que bendisseram a Noemi manifestaram o desejo de que o "filho dela" fosse famoso. Pelo menos seus descendentes o foram, mesmo que talvez não ele, pessoalmente. O nome do menino era Obede, conforme nos é dito no décimo sétimo versículo. Obede foi pai de Jessé, o qual, por sua vez, foi o pai de Davi. Portanto, Obede foi avô de Davi. Embora Obede tenha tido uma vida bastante comum, havia um propósito superior que operava através dele.

4.15

Restaurador. A Referência, neste caso, é tanto a Boaz quanto ao herdeiro, Obede. Os intérpretes compreendem ou um ou outro. Não há como termos certeza. Seja como for, não há diferença, porque aquilo que Boaz foi para Noemi, o filho de Boaz também o foi.

Ela te é melhor do que sete filhos. Noemi tinha perdido dois filhos seus, Malom e Quiliom; mas *em Rute* ela conseguiu o equivalente a sete filhos, falando metaforicamente. Rute apegou-se a Noemi, pelo que qualquer coisa boa que Boaz desse a Rute, também dava a Noemi. O amor fazia ampla provisão quanto a tudo isso.

"*Sete filhos* simbolizavam a bênção suprema que poderia ser propiciada a uma família hebréia (cf. I Sam. 2.5; Jó 1.2). O valor de Rute foi relacionado à ocasião do nascimento do filho dela" (John W. Reed, *in loc.*).

4.16

Noemi tomou o menino. Talvez este versículo fale em adoção formal, de tal modo que o filho de Rute se tornou filho de Noemi, de alguma maneira legal. Seja como for, Noemi tornou-se a ama especial e guardiã de Obede. As palavras "cuidar dele", que aparecem no fim deste versículo, poderiam indicar que Noemi dava de mamar ao menino; mas o mais provável é que significam que ela passou a cuidar dele de maneira especial, pois já era uma mulher idosa na ocasião. Cf. Isaías 49.23, onde se lê: "Reis serão os teus aios, e rainhas as tuas amas...". No

hebraico, a palavra ordinariamente usada para indicar o ato de dar de mamar a uma criança, por parte de sua mãe, é diferente da que encontramos aqui. Mas é a mesma palavra usada em Isaías 49.23, que significa "cuidar como ama", ao passo que aquela que quer dizer dar de mamar, no hebraico, é *yanaq*, que também significa "sugar". Ver Êxodo 2.7. Essa palavra deriva-se do som feito por um bebê quando está mamando: *yanaq, yanaq, yanaq.*

4.17

À Noemi nasceu um filho. Sim, vicariamente. E então lhe deram o nome de Obede. Ao que parece, Rute e Boaz concordaram em dar à criança esse nome, que era um apelativo importante dentro da cultura dos hebreus. Esse nome significa "adorador", "servo" ou "escravo". Por muitas vezes, esse nome era combinado com nomes divinos, como *Obadias* (servo de Yahweh). Ver também Obede-Edom e Ebede-Meleque. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Obede*, o primeiro dentre uma lista de cinco pessoas que aparecem com esse nome, no Antigo Testamento.

O Avô do Rei Davi. Este versículo fornece-nos a informação que Obede, que viveu uma vida bastante comum, acerca da qual praticamente nada se sabe, distinguiu-se por este grande fato: ele foi o pai de Jessé, o qual foi o pai do rei Davi. Os versículos 18 a 22 deste capítulo fornecem-nos a linhagem que poderia representar uma adição posterior ao livro, a fim de provar a grande linhagem que Obede encabeçava. Portanto, ele foi um homem distinto, embora em seus descendentes, e não por seus próprios méritos. Ele foi um homem-chave, genética e espiritualmente, embora não fosse importante em si mesmo. Existem pessoas assim importantes, que não se notabilizam, mas se tornam progenitores de pessoas de destaque. Há inúmeros exemplos disso.

O nome servo provavelmente foi dado originalmente a Obede porque ele serviu de forma tão destacada a Noemi, tornando-se o herdeiro que deu continuidade à linhagem e herança dela, e que, por isso mesmo reverteu todos os infortúnios descritos no primeiro capítulo do livro.

Assim sendo, Noemi, a vazia (ver sobre Mara, em Rute 1.20,21), agora se tinha enriquecido, mais ainda do que quando tinha marido e vivia em Moabe. A bênção de Deus tem uma maneira de expandir-se como nem sonhávamos. Ver Efésios 3.20 quanto a esse conceito. Deus faz mais por nós do que tudo quanto podemos pedirmos ou pensamos.

Epílogo: Genealogia de Davi (4.18-22)

Há na Bíblia quatro genealogias em que são mencionados os nomes de Obede (e de Davi): aquela do texto presente; aquela de I Crônicas 2.4-13 (quase idêntica); a de Mateus 1.5 e seu contexto; e a de Lucas 3.32 e seu contexto.

Propósitos da Genealogia. Por que temos aqui uma genealogia? Consideremos os cinco pontos seguintes:

1. Outra demonstração de que Davi era descendente de Judá e tinha o direito de ser rei.
2. Uma exaltação da pessoa de Rute, que foi a bisavó de Davi.
3. Outro incidente do costume hebreu de enfatizar a importância das genealogias.
4. Uma provisão do Espírito de Deus, que quis mostrar-nos algo da origem humana de Jesus, o Cristo, O qual atrai todos os homens após Si, incluindo os desprezados moabitas. Assim sendo, o livro de Rute é um João 3.16 do Antigo Testamento.
5. Um cumprimento profético: o Messias haveria de proceder da tribo de Judá (ver Gên. 49.10). Isso posto, a genealogia começa com Perez, o filho de Judá que deu continuidade à sua linhagem.

É possível que essa genealogia tenha sido acrescentada por um escritor posterior, com um ou mais dos propósitos que acabamos de mencionar.

Exigüidade de Número de Nomes. A questão tem sido comentada por vários eruditos. Essa genealogia é apenas representativa, e não completa, visto que os poucos nomes mencionados dificilmente cobrem o longo período de tempo implícito nos nomes oferecidos. Muitos elos da cadeia foram propositadamente deixados de fora, como supérfluos para o propósito em mira neste ponto. Apenas alguns dos nomes mais distinguidos foram arrolados. "... se Raabe deu à luz a Salmom, ao menino Boaz, somente alguns poucos anos após o começo desse período (desde a entrada na terra de Canaã até Rute), então são cobertos cerca de trezentos e sessenta e seis anos, em apenas três gerações, ou seja, Boaz, Obede, Jessé... mas isso dificilmente é crível" (Ellicott, *in loc.*). Ellicott ilustrou isso com uma parte da genealogia, mostrando que é necessário supor que o nome representa uma seleção de elos, e não a cadeia propriamente dita.

4.18-22

São estas, pois, as gerações de Perez. Nessa genealogia aparecem *dez nomes.* Há notas expositivas sobre todos eles no *Dicionário*, excetuando Perez (ver as notas em Gên. 38.27-30) e Salmom (ver sob esse nome).

Salmom (vs. 21) era filho de Naasom e antepassado de Boaz (ver Rute 4.20,21). Ver também I Crô. 2.11. Há referências neotestamentárias a ele (ver Mat. 1.4,5; Luc. 3.3). O que se sabe sobre ele aparece no *Dicionário* sob o título *Salma, Salmom.* A nossa versão portuguesa diz Salmom, em Mateus 1.4,5; mas Sal , em Lucas 3.32. Ele viveu em 1150 A. C., embora alguns digam que viveu um pouco antes disso.

Observações:

1. O tempo coberto por essa genealogia vai de 1750 a 1000 A. C. É claro que dez homens não poderiam ter vivido bastante (coletivamente falando) para cobrir todos os sete séculos e meio. Por conseguinte, a genealogia é representativa, e não completa. Ver meus comentários sobre a introdução ao versículo 18 quanto a outras observações pertinentes.
2. Uma comparação com o paralelo em I Crônicas 2.25-28 revela algumas pequenas discrepâncias. Por exemplo, Rão aparece ali como filho de Jerameel, e não como filho de Hezrom.
3. Alguns estudiosos supõem que um autor posterior tenha copiado a passagem do segundo capítulo de I Crônicas, aqui no livro de Rute. Mas também há quem pense que o autor e I Crônicas é que copiou a genealogia de Rute.
4. Perez era filho de Judá por meio de Tamar (ver Gên. 38.12-30; Rute 4.12). Hezrom estava entre aqueles que pertenciam à família de Jacó que foram para o Egito (ver Gên. 46.12). Aminadabe era o sogro de Arão (Êxo. 6.23). Naasom era o chefe da casa de Judá (ver Núm. 1.7; 7.12; 10.14). Salmom era o pai de Boaz. O trecho de Mateus 1.5 diz que a Mãe de Boaz era Raabe, a prostituta cananéia de Jericó; mas Raabe viveu nos dias de Josué, cerca de duzentos e cinqüenta anos antes de Boaz. Portanto, isso só pode querer dizer que Raabe era antepassada de Boaz, e não sua Mãe imediata, mais ou menos do mesmo modo que falamos a respeito de "nosso pai Abraão". Ver Romanos 4.12. Obede foi o filho de Boaz e Rute, distinguindo-se pelo fato de ter sido avô do rei Davi.

Importantes Lições Morais e Espirituais do Livro de Rute:

1. No livro de Rute temos o importante tipo simbólico de Boaz, que prefigurou Cristo em Sua redenção dos homens. Esse ato, de acordo com os padrões legais, não precisaria ser realizado, porquanto Boaz era um parente relativamente distante de Elimeleque. Não obstante, motivado por sua misericórdia e amor, o ato de redenção foi efetuado. Assim sendo, o livro de Rute é como se fora o João 3.16 do Antigo Testamento: "Pois Deus amou o mundo de tal maneira que...".
2. "Apesar de todas as aparências em contrário, o fiel Deus estivera agindo em favor de Rute, o tempo todo. Os crentes também deveriam estar ocupados nas atividades de seu Pai celeste. As recompensas por uma vida responsável são sempre o fruto doce da graça divina" (João W. Reed, *in loc.*).
3. As *dez pessoas* cuja genealogia é registrada nos últimos cinco versículos do livro de Rute podem ser encontradas na passagem de Mateus 1.3-6, como formadores de elos importantes da linhagem do Messias, Jesus de Nazaré. Deus operou sobre a história para trazer o Messias a este mundo. Raabe, a meretriz, uma cananéia, estava entre Suas antepassadas, tal como Rute, a moabita. Isso posto, fica subentendida a universalidade da missão de Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Universalidade da Missão de Cristo.* Nenhuma raça e nenhuma condição humana esteve e ou está fora do escopo do ato remidor de Jesus Cristo.
4. Lições morais e espirituais *no caráter de Rute*: dedicação religiosa (1.16); lealdade (2.11,12); generosidade (2.18); responsabilidade (2.2); determinação e diligência no trabalho (2.7); cortesia (2.10,13). Ela tinha uma aura de fé, lealdade e amor, mas isso não a fez esquecer as atividades práticas da vida diária.
5. Lições morais e espirituais no *caráter de Boaz*: fé religiosa (2.4,12); generosidade (2.15,16); senso de responsabilidade (3.12; 4.10); ações completas (2:???); cortesia (2.14).
6. Em Noemi também encontramos algumas dessas características. Contudo, é mais difícil separar o que pode ter sido motivado pelo auto-interesse e aquilo em que Noemi agiu realmente em favor do bem-estar de Rute. Mas esses dois fatores não são necessariamente contraditórios. O que era bom para Noemi era bom para Rute, e vice-versa.
7. O livro de Rute contém a verdadeira percepção de que fortes convicções na providência divina ajudam nos atos de uma pessoa e, sempre que possível, produzem resultados brilhantes.
8. O amor de Deus ultrapassa todos os limites que os homens tentam impor. Abrange todas as terras e pessoas, incluindo definidamente aqueles que não fazem parte "do grupo".
9. As boas obras de Rute se afunilaram em seu descendente distante, Jesus, o Cristo. Naturalmente, isso estava acima de toda e qualquer expectação de Noemi, Rute e Boaz. Isso significa que Deus faz mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos (ver Efé. 3.20).